

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**O RETRATO DA MULHER PRETA EM ESTUDOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
NO BRASIL**

GABRIELE RODRIGUES PEREIRA

SÃO CARLOS, SP

2021

GABRIELE RODRIGUES PEREIRA

**O RETRATO DA MULHER PRETA EM ESTUDOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Zaira Regina Zafalon

SÃO CARLOS, SP

2021

Pereira, Gabriele Rodrigues

O RETRATO DA MULHER PRETA EM ESTUDOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL / Gabriele Rodrigues  
Pereira -- 2021.  
94f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Zaira Regina Zafalon

Banca Examinadora: Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda, Paula Regina Dal'Evedove

Bibliografia

1. Mulher Preta. 2. Protagonismo Feminino. 3. Feminismo Negro . I. Pereira, Gabriele Rodrigues. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Gabriele Rodrigues Pereira, realizada em 17/05/2021.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Zaira Regina Zafalon (UFSCar)

Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove (UFSCar)

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda (UNIRIO)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

A todas as minhas ancestrais que  
reverberam sua voz por meio da minha escrita.

## AGRADECIMENTOS

De todo o percurso desta pesquisa, eu acreditava que os agradecimentos seriam a parte mais tranquila da minha escrita. Que engano o meu, como colocar em uma página todo o apoio que recebi nesses dois anos de pesquisa.

Devo começar a agradecer ao universo e a uma força maior que me impulsionaram em direção a esse tema de grande valia pessoal e espiritual. Nada nessa vida é por acaso. Agradeço ao despertar da minha negritude e a possibilidade de saber de onde eu vim, para continuar a trilhar os caminhos para onde eu vou.

Agradeço também a todas as minhas ancestrais, mulheres pretas que lutaram, sofreram e defenderam seus ideais para me dar o direito de estar aqui redigindo esta pesquisa.

Agradeço a todas as mulheres da minha vida, que foram porto seguro nesse processo de aprendizado, em especial à minha mãe. Às minhas companheiras de casa, Alanna Gallo e Iasmim Rodrigues, por não deixarem, nem por um minuto, eu desistir de acreditar no bem maior desta pesquisa.

Aos amigos Ana Claudia Santana, Gustavo Ferreira, Josiane Almeida, Julia Wilmers, Antonio Fernandes, Fernanda Lima, Juliana Lino, Ethiane Rodrigues, Marcela Araújo, Mariane Jordani, André Linhares, e aos demais que eu não pontuei aqui, mas que contribuíram de maneira direta e indireta como rede de apoio e incentivo.

À minha orientadora, Zaira Regina Zafalon, que aceitou encarar este processo de autoconhecimento, aceitação e ensinamento, com olhar de amparo, sempre me mostrando a riqueza da cientificidade que este tema nos proporcionou, muito obrigada por ser âncora nessa ventania de desconstrução.

Agradeço ao apoio da minha família – mãe, pai e meu irmão –, que sempre me acolheu com abraço em casa. Em especial, ao meu avô, que sei que está lá do céu vibrando com mais esta conquista, ele sempre me disse que seria presidente do Brasil. Olha aí vô, falta só um pouquinho.

Ao meu psicólogo, Murilo Aguiar, que esteve comigo nessa jornada de me descobrir e de me aceitar como mulher preta, trazendo todos os cuidados necessários para entender a subjetividade de ser uma preta.

Agradeço à Gabriele do passado, que se permitiu encarar esta jornada de autoconhecimento, que revirou, se machucou, revisitou e ressignificou a pessoa que

chega ao fim deste processo. Obrigada pela sua coragem.

## Africaniei

Sou angolano, africano  
Índio, riquenho, mexicano  
Preto, amarelo, pardo  
Sou mistura, Brasileiro nato

Isso não vem do branco  
Pegando minha kora  
Congo, agogô, meu banto  
Pra salsar as almas do meu bando

Procedo à identidade  
Afro Pop aos niggas da laje  
Nas favelas décalé já sabem?  
Te apresento os meus ancestrais  
Africaniei  
Africaniei

Eu sou Majur, de Salvador  
Terra do pelô  
Berço da escravização ancestral  
Libertação geral  
Represento as cores, dores  
De um Brasil de Preto, branco, pardo, índio  
Todos a igualdade racial  
Desejos, direitos, sou afro  
Africanei

**Majur**

## RESUMO

A presente pesquisa faz um levantamento dos estudos sobre a mulher preta na ciência brasileira, mais especificamente na Ciência da Informação. Reconhecer a produção acadêmica a respeito da mulher preta na Ciência da Informação significa tirá-las dos espaços de servidão atribuídos no período colonial, no processo de escravização e dar protagonismo às mulheres pretas como produtoras do próprio conhecimento. No decorrer da pesquisa questiona-se como a mulher preta tem sido estudada na Ciência da Informação no Brasil. Justifica-se a pesquisa no contexto da Ciência da Informação por envolver aspectos da organização e representação da informação, o que corrobora para a definição de um panorama sobre como o tema tem sido discutido na área, bem como para subsidiar as discussões sobre o protagonismo da mulher preta na Ciência da Informação e dar visibilidade às suas lutas contra o apagamento do saber africano. Para tanto, definiu-se como objetivo geral discutir os estudos sobre a mulher preta na Ciência da Informação no Brasil. A pesquisa, de natureza aplicada, adota abordagem qualitativa fazendo uso do mapeamento de literatura como parte dos procedimentos bibliográficos e recorre à análise de conteúdo na análise de dados. Os resultados indicam que assuntos como Feminismo Negro, Protagonismo da Mulher Preta, Empoderamento Feminino, Identidade Negra, Representação da Mulher Preta, Informação Étnico-racial, Cultura Afro-Brasileira, Comunidade Quilombola e Religião de Matriz Africana dão destaque à mulher preta.

**Palavras-chave:** Mulher preta. Protagonismo feminino. Feminismo negro. Ciência da Informação. Organização e representação da informação.

## ABSTRACT

This research surveys studies on black women in Brazilian science, more specifically in Information Science. Recognizing academic production about black women in Information Science means removing them from the spaces of servitude attributed to the colonial period, in the process of enslavement, and giving black women a prominence as producers of their own knowledge. During the research, it is questioned how black women have been studied in Information Science in Brazil. The research in the context of Information Science is justified because it involves aspects of the organization and representation of information, which corroborates the definition of an overview of how the theme has been discussed in the area, as well as to support discussions on the protagonism of black woman in Information Science and give visibility to her struggles against the erasure of African knowledge. Therefore, it was defined as a general objective to discuss studies on black women in Information Science in Brazil. The research, of an applied nature, adopts a qualitative approach using literature mapping as part of bibliographic procedures and uses content analysis in data analysis. The results indicate that subjects such as Black Feminism, Black Woman Protagonism, Female Empowerment, Black Identity, Black Woman Representation, Ethnic-racial Information, Afro-Brazilian Culture, Quilombola Community and African-Made Religion emphasize black women.

**Keywords:** Black women. Female Protagonism. Black feminism. Information Science. Organization and representation of information.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Redenção de Cam	24
Figura 2 – Estratégias de busca BRAPCI	42
Figura 3 – Estratégias de busca BDTD	44
Figura 4 – Assuntos relacionados aos estudos da mulher preta na Ciência da Informação	61
Figura 5 – Domerina Nicolau da Silva – Vó Mera	88
Figura 6 – Antonieta de Barros	88
Figura 7 – Sá Rainha Dona Marta	89
Figura 8 – Tia Marcelina	89
Figura 9 – Nivalda Costa	90
Figura 10 – Ruth Guimarães Botelho	90
Figura 11 – Dolores Duran	91
Figura 12 – Clara Nunes	91
Figura 13 – Maria da Conceição de Brito Evaristo	92
Figura 14 – Taís Bianca Gama de Araújo	92
Figura 15 – Beyoncé Giselle Knowles-Carter	93
Figura 16 – Angela Relim	93
Figura 17 – Delfina Lazara Mateus	94
Figura 18 – Isabel Jacintha da Silva	94

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Documentos duplicados, internacionais e aceitos identificados na BRAPCI	45
Gráfico 2 – Distribuição das publicações periódicas internacionais por países	45
Gráfico 3 – Documentos duplicados e aceitos identificados na BDTD	48
Gráfico 4 – Identificação da fase de seleção de corpus de análise de artigos de periódicos e artigos de eventos	50
Gráfico 5 – Identificação da fase de seleção de corpus de análise de teses e dissertações	51
Gráfico 6 – Distribuição de artigos no decorrer do tempo	52
Gráfico 7 – Distribuição de pesquisas da pós-graduação no decorrer do tempo	53
Gráfico 8 – Instituições com Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação	58
Gráfico 9 – Frequência de orientadores das dissertações e teses	59

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Protocolo do mapeamento de literatura	39
Quadro 2 – Autores que desenvolveram pesquisas na pós-graduação	58

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Identificação quantitativa da massa documental analisada na base de dados BRAPCI	41
Tabela 2 – Identificação quantitativa da massa documental analisada na base de dados BDTD e nomes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação	44
Tabela 3 – Periódicos nacionais identificados na BRAPCI	46
Tabela 4 – Identificação quantitativa de teses e dissertações recuperadas na BDTD, por instituições	48
Tabela 5 – Autores que mais publicaram artigos	55
Tabela 6 – Periódicos nacionais que apresentam estudos sobre a mulher preta	56
Tabela 7 – Palavras-chave mais frequentes nos artigos recuperados sobre a temática mulher preta no Brasil	57
Tabela 8 – Palavras-chave mais frequentes nas teses e dissertações sobre a temática da mulher preta no Brasil	60

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Bases de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
IPEAFRO	Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros
ISKO	International Society for Knowledge Organization
MMN	Movimento de Mulheres Negras
MNU	Movimento Negro Unificado
ONU	Organização das Nações Unidas
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	21
2.1 História da África e o movimento do povo negro no Brasil: a necessidade de afrocentrar .....	22
2.2 A vez e a voz da mulher preta a partir do feminismo negro .....	28
2.3 Apagamento e visibilidade de documentos sob o prisma da Ciência da Informação .....	32
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
3.1 A coleta de dados.....	38
3.2 A pré-análise dos dados coletados .....	45
3.3 A exploração do material.....	49
4 A MULHER PRETA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO .....	50
4.1 Análise quantitativa .....	50
4.2 Análise qualitativa .....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	677
REFERÊNCIAS.....	712
APÊNDICE .....	87

## 1 INTRODUÇÃO

Dialogar sobre o epistemicídio<sup>1</sup> da cultura africana permite entender a rejeição de tornar protagonista o conhecimento da história e memória das pessoas negras na formação da sociedade brasileira. Após 300 anos de escravidão no Brasil (1550 a 1888) e passados mais de cem anos da abolição da escravatura, a temática sobre o negro, a cultura africana e o protagonismo da história e memória do negro na formação da sociedade brasileira ainda assolam questões de gênero, sexualidade, desigualdade e inclusão social.

Ao resgatar a história do nosso país, conseguimos identificar como ocorreu o apagamento das referências africanas, o dia 13 de maio de 1888, por exemplo, é uma data que é associada ao fato histórico da assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Regente Isabel, que determinava o fim da escravidão no Brasil. Rodrigues (2019), ao apresentar questões inerentes à seleção e ao silenciamento da memória, destaca que, em 13 de maio de 1833, ocorria a *Revolta de Carrancas*, o maior levante de escravizados, liderados por negros africanos e crioulos nascidos nas senzalas, em defesa da extinção da escravidão nas fazendas brasileiras, que foi de extrema influência para a assinatura da Lei Áurea.

A questão do apagamento também foi um fator que motivou a campanha “Machado de Assis Real”, lançada em 2019 pela Faculdade do Zumbi dos Palmares, onde recriaram a foto clássica do escritor, reconhecendo sua identidade negra. A campanha tem a intenção de impedir a propagação do racismo pelo branqueamento da literatura e encorajar novos escritores pretos, como forma de reparar essa injustiça. A campanha consistiu-se em propor um abaixo-assinado para vetar editoras e livrarias de publicar, imprimir ou comercializar livros em que o escritor aparece embranquecido e substitua a imagem pela foto de Machado de Assis real.

A discussão ganhou força com a recuperação de um retrato do escritor publicado na revista argentina *Caras y Caretas*, de 25 de janeiro de 1908, redescoberta pelo pesquisador independente, Felipe Pereira Rissato, que atua em investigações sobre os escritores Euclides da Cunha e Machado de Assis. No retrato, é possível identificar os traços negros, diferentes das figuras mais comumente

---

<sup>1</sup> Epistemicídio é um termo utilizado para tratar do apagamento de referências africanas e da morte simbólica provocada no processo de genocídio da história. Maiores informações sobre o tema podem ser obtidas em Santos, B. ([2017?]).

encontradas de Machado de Assis: com cabelos lisos e nariz fino. Situações como essas configuram-se como estratégias racistas tomadas pela elite intelectual da época e que deixam evidente o apagamento da ancestralidade africana.

A campanha traz a verdade e a possibilidade, especialmente para os negros, de celebrar um gênio a partir de sua filiação comunitária. E, para o Brasil, mostra que como barreiras artificiais do passado não foram barreiras suficientes para barrar a genialidade, diz José Vicente, reitor da Zumbi dos Palmares. (MURARO, 2018).

A identificação de traços negros em uma pessoa de destaque no cenário nacional e internacional tem seu reflexo nos mais variados aspectos sociais, educacionais e econômicos de uma sociedade. Trazer essas questões para discussão nos espaços acadêmicos também pode ser considerada um avanço para o fortalecimento da cultura afro-brasileira, visto que não é relevante somente como “[...] objeto de pesquisa, mas sim como sujeitos da nossa história.” (BARROSO; GOMES; VALÉRIO; SILVA; LIMA, 2019, p. 8).

Diante desse cenário, o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação proporciona contribuições para o processo identitário étnico-racial, devido as atividades culturais e formativas para os mais variados públicos tais como: bibliotecas públicas, escolares, universitárias e outras unidades de informação. São esses processos educativos que tem potencial para contribuir para a redução de preconceito racial, discriminação e racismo.

A Ciência da Informação é a ciência que permite averiguar o comportamento da informação, assim como seus fluxos informacionais e as formas de processar a informação para promover o acesso e o seu uso. O processo inclui a origem, a disseminação, a coleta, a organização, o armazenamento, a recuperação, a interpretação e o uso da informação (FONSECA, M., 2005). Em suma, o controle da representação dos objetos frutos da informação

Os aspectos de coleta, organização, armazenamento e recuperação da informação, por meio das bases de dados, também apresentam consequências para a construção de conceitos sensíveis e para a percepção que se tem sobre determinados grupos sociais em âmbito científico. (ORTOLAN; SILVA; ALVES; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2017, p. 14).

A Ciência da Informação tem voltado sua atenção para a construção de conceitos relacionados aos aspectos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos e éticos, o que auxilia na visibilidade de estudos sobre temas que sofreram com o processo de apagamento na história, como a história e a cultura afro-brasileiras.

A presente pesquisa visa levantar os estudos sobre a mulher preta na ciência, mais especificamente na Ciência da Informação. Uma vez que, além do racismo, a questão de gênero corrobora a desigualdade, separando a sociedade em classes, homens e mulheres, e, ainda nesse contexto, as ramificações de divisões entre mulheres pretas e homens pretos. Desse modo, reconhecer a produção acadêmica a respeito da mulher preta na Ciência da Informação é considerar todo o histórico de empoderamento dessas mulheres e permitir dissociar sua imagem dos estereótipos sociais atribuídos no período colonial, evitando representações com visões dominantes e carregadas de resquícios desse período.

É necessário pontuar que o uso da palavra “preta”, no título da pesquisa e ao longo da dissertação, é uma escolha da autora para desmistificar o emprego desta palavra no nosso vocabulário. No decorrer da pesquisa surgiu o debate sobre a palavra “preta” e “negra”, gerando um certo incômodo e impulsionou a necessidade de entender o emprego desses termos no dia a dia.

Em toda a literatura e em textos acadêmicos, a palavra “negra” é empregada para referir-se às pessoas afro-brasileiras e afrodescendentes, enquanto utilizar a palavra “preta” ou “preto” é vista como uma forma de agressão ainda em nossa sociedade. Cabe salientar que não existe certo ou errado na utilização da palavra “preto” ou “negro”, o uso desses termos está diretamente associado à carga negativa que elas carregam, causadas por anos de racismo estrutural. As palavras não contêm em si um significado fixo, é o uso feito delas que lhes atribui sentido. Cabe salientar que

O racismo é uma forma de discriminação que tem a raça como alvo, manifestando-se por meio de práticas conscientes e inconscientes. Promove de forma direta e indireta o preconceito e/ou a segregação racial, impedindo direitos com base na origem étnica. A discriminação indireta é feita por meio de piadas, apelidos ou atitudes inconscientes por conta do racismo já enraizado. As pessoas podem não perceber o preconceito implícito. Um exemplo são falas como: “A coisa tá preta”; “Denegrir”; “Mercado Negro”; “Cabelo ruim”; “Meia Tigela”. (PEREIRA; FERREIRA, 2020).<sup>2</sup>

Ao procurar as palavras “negro” e “preto, encontram-se as seguintes descrições:

---

<sup>2</sup> Quanto a estas expressões, cabe mencionar o significado pejorativo: “A coisa está preta”, utilizada para falar de algo desagradável; “Denegrir”, tem uso recorrente para difamar algo, “tornar negro”, com conotação de algo maldoso; “Mercado Negro”, para designar aquele que promove ações ilegais; “Cabelo ruim”, usado para se referir aos cabelos crespos; “Meia Tigela”, para referir-se à quantidade de comida fornecida aos escravos menos produtivos.

Negro: adj. 1 Que tem a cor mais escura de todas, como o piche e o carvão. 2 Que se refere a pessoa de etnia negra. 3 Que não tem luz; completamente escuro e sombrio. 4 Que está encardido; preto [...]. [...] sm 1 A cor do piche ou do carvão; preto. 2 Indivíduo de etnia negra. 3 Aquele que vive sujeito a um senhor; escravo. 4 por ext Pessoa que trabalha muito: Há um ano trabalha feito um negro. (MICHAELIS, 2021a).

Preto: adj. 1 Que tem a cor do carvão, do ébano ou do piche; negro. [...] 3 Diz-se de indivíduo que pertence à raça negra. 4 Diz-se de algo que é bastante escuro, embora não tenha a cor do carvão. [...] 7 Diz-se de algo que é complicado ou difícil; perigoso. 8 Diz-se de algo que é escuro; sombrio, umbroso. [...] sm. 1 A cor do carvão; a cor preta. 2 Indivíduo da raça negra. 3 ant Escravo ou empregado doméstico. (MICHAELIS, 2021b).

Seguindo as definições do dicionário as palavras preto e negro, são sinônimas, que se destoam pelos adjetivos funesto e umbroso.

Em um vídeo que repercutiu sobre uso da palavra “preto” ou “negro”, Nabby Clifford, músico ganês radicado no Brasil, alega que “preto” é o único termo aceitável, posto que “[...] brasileiro quando valoriza alguma coisa não fala ‘negro’, ele fala ‘preto’.” (SACRAMENTO, 2016). O autor, complementa que

[...] ele [o brasileiro] não come feijão negro, come feijão preto, o carro dele não é carro negro, o carro dele é carro preto, ele não toma café negro, toma café preto, a fome é negra, quando ganha na loteria, ganha uma nota preta. Se branco não é negativo, preto também não é o negativo. (SACRAMENTO, 2016).

Desse modo, o uso da palavra “preto” está sendo ressignificado, a crescente de seu emprego representa um passo enorme do movimento negro. Todavia, nesta pesquisa tanto as palavras “preta” e “negra” quanto as suas variações, foram adotados como sinônimos.

Deve-se considerar que os movimentos sociais provocaram mudanças nos modos de ocupação dos espaços econômicos, culturais, acadêmicos e áreas afins e, certamente, refletem no campo da Ciência da Informação as questões relativas ao direito, à igualdade social, à desigualdade de gênero, principalmente ao abordar fatores simbólicos e representativos da mulher preta. Caracterizar seu retrato no contexto da Ciência da Informação é dar espaço para a temática em nível acadêmico e dar visibilidade à sua representatividade.

A escolha de expressões para designar um grupo social ou representá-lo poderá produzir incompreensões e revelam quão complexo é esse tipo de operação. Insta refletir sobre as escolhas e objetivos de fixar ideologias e narrativas. Se, por um lado, visam a estabelecer conexão entre significado e realidade para amplo conhecimento; por outro, sob ideologias e crenças dos que

representam, poderá omitir informações sobre a trama social e sobre os grupos excluídos. (SILVA, M., 2019, p. 200).

Malta e Oliveira (2016, p. 57) destacam que “[...] durante séculos foi negada às mulheres negras a oportunidade de contar as suas próprias experiências e de ecoar as vozes que as representam.”

A ótica sobre a mulher preta, neste trabalho, voltou-se para o aparecimento dessas mulheres nos estudos em Ciência da Informação.

No Brasil, a necessidade de espaço para discussão de pautas das mulheres pretas traz à tona o feminismo negro<sup>3</sup>, no final da década de 1970, com o Movimento das Mulheres Negras (MMN). Esse movimento surge como um desdobramento natural do feminismo, com os mesmos ideais contra o machismo e a defesa do lugar de fala da mulher, contudo, voltado às aflições vivenciadas pela mulher preta; “[...] a inserção do termo negro se tira a noção de um feminismo universal onde só as feministas brancas teriam voz.” (LIMA, G., 2019, p. 49).

O MMN manifesta-se a partir do enfoque nas necessidades de abordar questões de gênero e de raça nos movimentos sociais da época, visto que a presença do machismo aniquilava a visibilidade das mulheres negras que continuavam a sofrer opressão em uma sociedade patriarcal e racista. O feminismo negro proporciona desse modo “[...] um ângulo particular de visão do eu e da comunidade e da sociedade, que envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras.” (BAIRROS, 1995, p. 463).

No Movimento Negro Unificado, as mulheres pretas tinham pouco poder de tomada de decisão e suas pautas mesclavam-se com as demais do movimento, inclusive pelo fato de a liderança ser exercida pelos homens pretos, a quem cabia a definição sobre o que era relevante ser discutido. A ocupação da mulher preta em trabalhos de menor prestígio social, como o de diarista, criava um lugar de opressão na sociedade, causada pelo machismo, pela raça e pela classe: “[...] as mulheres negras não são um grupo que institucionalmente têm o poder para explorar/oprimir o ‘outro’ na sociedade. Porém, a mulher branca e o homem negro possuem este poder. Estes podem ser, de fato, opressores e oprimidos.” (LIMA, G., 2019, p. 50).

Os aspectos do cenário atual acerca dos interesses da mulher preta e de como

---

<sup>3</sup> Lima, G. (2019) defende que o feminismo negro teve início nos Estados Unidos com mulheres negras como Patrícia Hill Collins, bell hooks, Kimberlé Crenshaw e Audre Lorde, que ganham visibilidade na perspectiva de resistência e organização.

sua história, memória e lugar de fala foram colocados à margem por anos são fatores que motivam o desenvolvimento desta pesquisa sobre o retrato da mulher preta em estudos da Ciência da Informação, no Brasil.

Desse modo, destaca-se o interesse na questão de como a mulher preta tem sido estudada na Ciência da Informação, no Brasil. Justifica-se a pesquisa no contexto da Ciência da Informação por trazer, na perspectiva científica, um panorama sobre como o tema tem sido discutido na área e, com vistas à prática profissional, subsidiar ações em prol da ampliação da visibilidade da mulher preta em unidades de informação. Nos padrões eurocêntricos, nós mulheres pretas, somos consideradas minorias, estando relegadas aos espaços de servidão, em um discurso universal, sem reconhecimento das particularidades de gênero, raça e classe. Argumentos que justificam a motivação de disputar meu espaço de direito na e da escrita acadêmica. No contexto pessoal, no que se refere ao momento em que esta dissertação foi desenvolvida, o empoderamento de mulheres pretas foi potencializado por meio da escrita, posto que a autora reconheceu sua negritude como um processo doloroso por resgatar todas as opressões vivenciadas, mas também como um instrumento de resistência e transformação social.

A pesquisa tem como objetivo geral discutir os estudos sobre a mulher preta na Ciência da Informação no Brasil. Para subsidiar o desenvolvimento da pesquisa foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- a. contextualizar a contribuição do saber africano na formação da identidade e da cultura do povo brasileiro;
- b. discutir a mulher preta a partir de movimentos feministas;
- c. mapear estudos sobre a mulher preta na Ciência da Informação.

Para atender aos objetivos, o estudo fundamenta-se em uma perspectiva qualitativa e de natureza aplicada, faz uso da pesquisa bibliográfica e tem os resultados obtidos por meio da análise de conteúdo.

Ademais, esta pesquisa contribui para discussões contra o apagamento do saber africano no Brasil, visto que podem disputar a memória sobre as narrativas em direção à equidade. Espera-se ainda que a pesquisa possa fornecer subsídios acadêmico-científicos, sociais e profissionais diante da discussão de como a mulher preta está retratada em estudos na Ciência da Informação.

No âmbito acadêmico-científico, a pesquisa pode reforçar a importância que a literatura sobre a História e Cultura Afro-Brasileiras nas escolas tem na formação da

identidade do povo brasileiro, inclusive por conta das leis de diretrizes e bases da educação nacional. Também será possível desenvolver produção científica sobre a temática da mulher preta no campo da Ciência da Informação, participar de eventos científicos da área e contribuir para a discussão por meio da publicação de artigos.

No âmbito social, será possível promover, por meio da divulgação da pesquisa, discussões em áreas de convívio social, como escolas e bibliotecas, favorecendo o intercâmbio de conhecimentos entre a comunidade e a universidade.

No campo profissional, serão incentivadas discussões sobre os métodos e instrumentos de representação da informação e a sua relação com a reprodução dos discursos eurocêntricos.

Na sequência desta seção, que tem caráter introdutório, apresenta-se a seção 2 – Referencial Teórico –, a qual apresenta a discussão em três subseções: 2.1 A História da África e o movimento do povo negro no Brasil: a necessidade de afrocentrar; 2.2 A vez e a voz da mulher preta a partir do feminismo negro; e 2.3 Apagamento e visibilidade de documentos sob o prisma da Ciência da Informação.

A seção 3 – Procedimentos Metodológicos – apresenta os procedimentos metodológicos e o mapeamento de literatura que fundamentam a discussão dos estudos sobre a mulher preta na Ciência da Informação.

A seção 4 – A mulher preta na Ciência da Informação – apresenta a exploração do material coletado por meio da análise de conteúdo, fase de descrição analítica do *corpus* de análise.

A seção 5 traz as considerações finais desta pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico remete à apresentação do conceito de afrocentricidade e sua correlação com o contexto de apagamento da história da África. Resgatar as origens da ideologia dedicada ao estudo da África proporciona fortalecer o entendimento de nossas origens e da construção da sociedade brasileira atual, apresentando uma nova perspectiva para pensar o mundo pelo ponto de vista de pessoas pretas africanas, como movimento de resistência contra anos da supremacia branca no apagamento e silenciamento da História e Cultura Afro-Brasileiras. Por exemplo, com o objetivo de promover a temática de História e Cultura Afro-Brasileiras nas matrizes curriculares do ensino fundamental e médio, é decretada, em março de 2003, a Lei nº 10.639<sup>4</sup> (BRASIL, 2003).

Aliada a essas questões, expõe-se a reflexão acerca do apagamento da História da África e da luta dos movimentos das mulheres pretas em prol da sua visibilidade. Para uma melhor visualização, foi abordado o apagamento da História da África, colocando em pauta os conceitos de *afrocentricidade* e *racismo* na Educação e considerando a trajetória acadêmica de mulheres pretas no Brasil, associados às contribuições da Ciência da Informação sobre o saber das informações étnico raciais na prática profissional.

A realidade das mulheres pretas, no que se refere às experiências de gênero, são diferentes da realidade das mulheres brancas. A mulher preta vivencia seu gênero atravessado pela questão racial diferente da mulher branca. Dessa forma, é necessário o reconhecimento da subjetividade da mulher preta para realizar estudos pelo prisma da Ciência da Informação para, assim, consolidar a memória, a identidade e a quebra de preconceitos, livres da visão da mulher preta como escrava e submissa.

Entende-se a necessidade de fortalecer a ligação das práticas profissionais voltadas para o olhar social e inclusivo na promoção da representatividade da mulher preta nos estudos em Ciência da Informação. A partir do pressuposto de que o processo de branqueamento pode impactar a criação de formas de representação e

---

<sup>4</sup> A Lei nº 10.639 estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas disciplinas das matrizes curriculares dos ensinos fundamental e médio. E o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra.

recuperação de documentos das unidades de informação, é premente pensar na prática profissional.

## **2.1 História da África e o movimento do povo negro no Brasil: a necessidade de afrocentrar**

Afrocentricidade é um conceito que foi exposto na retórica da pesquisadora Katiúscia Ribeiro Pontes<sup>5</sup>, em entrevista sobre os Estudos Africanos (CIÊNCIAS..., 2018). A entrevista discorre a respeito da divulgação da história da África de modo a reforçar a necessidade do preto como produtor do próprio conhecimento histórico e como o eurocentrismo colaborou com o epistemológico do conhecimento africano.

A afrocentricidade caracteriza-se como crítica à dominação cultural e econômica europeia sofrida por pessoas negras durante a colonização do continente africano. A teoria visa resgatar o espaço do povo africano como principal criador da sua história.

Ao longo das últimas décadas, o aparecimento da Afrocentricidade como um paradigma profundamente novo tem mudado as perspectivas sobre as ciências sociais, a natureza das investigações científicas, das humanidades e o caráter das narrativas históricas. A Afrocentricidade emergiu como um repensar da caixa conceitual que tinha aprisionado os africanos no paradigma ocidental. Isso foi um Eurocentrismo que tinha finalmente esgotado a si mesmo. (ASANTE, 2016, p. 10)

O pesquisador e professor africano Molefi Kete Asante, nascido nos Estados Unidos, cunhou a teoria da afrocentricidade, na década de 1980, transformando-a em paradigma acadêmico, sistematizando o conhecimento de diversas obras de autores negros panafricanistas, que modificaram os estudos sobre a África ao redor do mundo. Para Asante (2009), “A afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos.” (ASANTE, 2009, p. 93).

De modo a complementar a questão da afrocentricidade, Asante (2016) utiliza a necessidade do descentramento psicológico, cultural e histórico, partindo do princípio de que a história do continente africano não poderia ser retratada por seus

---

<sup>5</sup> Katiúscia Ribeiro Pontes é professora, mestra e doutoranda em Filosofia Africana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também é coordenadora geral do Laboratório Geru Maã de Africologia e Estudos Ameríndicos. Atua como professora de Filosofia do Direito na Escola de Magistratura do Rio de Janeiro (EMERJ).

colonizadores, muito menos afirmar que as terras teriam sido “descobertas” por eles, pois quando esses colonizadores chegaram em território africano, povos nativos já existiam ali. O autor reafirma esse lugar dos africanos e da luta contra o eurocentrismo, visão que coloca a Europa como centro da sociedade e acrescenta:

De fato, uma orientação para a Afrocentricidade começa com as primeiras civilizações do Vale do Nilo, as culturas Núbia e Kemética, e demonstra que um ponto de partida diferente na história, além da Grécia e Roma, trará ao leitor ou estudante uma conclusão diferente sobre o papel dos africanos na história mundial. No Brasil e nos Estados Unidos, milhões de pessoas de herança africana crescem acreditando que a África é uma realidade marginal na civilização humana quando, de fato, África é o continente onde os seres humanos ergueram-se pela primeira vez e onde os seres humanos primeiro nomearam Deus. As implicações para tal reorientação são encontradas na comunicação, linguística, história, sociologia, arte, filosofia, ciência, medicina e matemática. (ASANTE, 2016, p. 11).

Quando se estuda a História do Brasil, contato que começa no Ensino Fundamental e Médio, aprende-se sobre o descobrimento do país, em uma narrativa heroica da chegada da frota liderada pelo português Pedro Álvares Cabral ao território então denominado Ilha de Vera Cruz. No entanto, aspectos relacionados à diáspora<sup>6</sup> de pessoas negras, que acarretou na escravização de povos africanos, impactando na forma de escrita, língua, escolaridade e identidade cultural não são mencionados nessa narrativa da história, que, com efeito, reforça o mecanismo de apagamento de referências africanas:

Além da retirada forçada dos povos africanos do seu território de origem, diversas formas de dominação foram utilizadas no período colonial como estratégia de apagamento das referências africanas, mecanismos de controle para conter a disseminação das línguas africanas, bem como a mescla de falantes de línguas distintas foram utilizados para evitar articulação e fuga africana. (GOMES, E., 2018, p. 18)

O Brasil é o segundo país com maior população preta ou de origem africana no mundo, resultado devido aos quase três séculos e meio de escravização, configurando o maior território escravagista do hemisfério ocidental: “[o Brasil] recebeu, sozinho, quase 5 milhões de africanos cativos<sup>7</sup>, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América.” (GOMES, L, 2019, p. 24).

O processo de negação da identidade e da cultura africanas começa na pós-

---

<sup>6</sup> Processos migratórios dos povos que deixam ou são retirados do seu país de origem, para sobreviver em outros países. Mais informações sobre em Gomes, L (2019).

<sup>7</sup> Refere-se ao indivíduo que foi forçado à escravização, preso e sem direito a sua liberdade.

abolição, período no qual são reforçados os estereótipos ainda enraizados no imaginário coletivo; o apagamento das referências africanas se deu por meio da política, religião, meios de comunicação e educação.

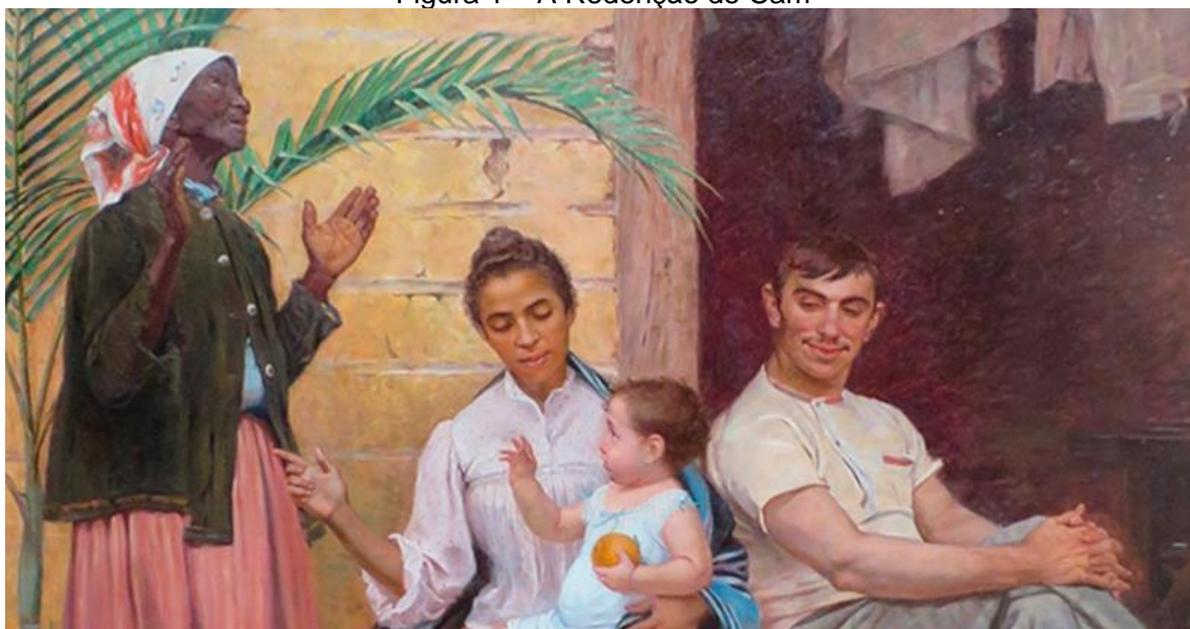
O Brasil dos colonizadores europeus foi construído por negros, mas sempre sonhou ser um país branco. Essa atitude ainda na interpretação de Arthur Ramos, estaria presente em textos, sermões, discursos e crônicas de viagem da época da colônia até o Segundo Império, que representavam os africanos e seus descendentes como seres “pitorescos”, “interessantes”, “exóticos”, quando não selvagens ou “pagãos”, a serem salvos da barbárie no seio da Igreja Católica e, portanto, muito diferentes do biotipo padrão dos observadores, todos eles invariavelmente brancos e de ascendência europeia. (GOMES, L, 2019, p. 29).

Em paralelo ao movimento abolicionista, havia o projeto de “branqueamento” da população preta do país, cujo objetivo era equilibrar a influência e o número de africanos no Brasil que, de acordo com as autoridades da época, comprometeriam o desenvolvimento da nação.

[...] a **ideologia do branqueamento**, baseada no preconceito racial que, por um lado, fortaleceu o não lugar do negro no mundo do trabalho livre e, por outro lado, passou a apresentar o trabalhador branco europeu como o trabalhador ideal para o progresso capitalista. (CARDOSO; PINTO, 2018, p. 50, grifo dos autores).

O quadro “A redenção de Cam” (Figura 1), fruto de um momento de pós emancipação do Brasil, quando o país almejava a construção de uma sociedade livre do fenótipo de pessoas pretas, retrata uma sociedade pautada no branqueamento, em que se buscava um destino para a população negra.

Figura 1 – A Redenção de Cam



Fonte: Arantes (2018).

A obra faz alusão ao primeiro livro da Bíblia Cristã, Gênese, Capítulo 9, mito bíblico da maldição lançada por Noé sobre seu filho Cam (ou Cã). Diz a história que Noé dormiu embriagado de vinho. Cam, seu filho, expôs a nudez do pai aos irmãos como zombaria. Ao acordar, o pai então amaldiçoou Canaã, filho de Cam, a ser “servo dos servos”. Há inclusive versões que descrevem Canaã e os descendentes de Cam como negros.

Observa-se, na expressão artística, uma mulher preta de mais idade e escrava, agradecendo o matrimônio de sua filha com um homem branco e por seu neto ter nascido branco. Fantasia-se e cria-se a ideia de que suas próximas gerações não sofrerão discriminação racial, pois, naquele contexto, a escravidão era considerada maldição, cuja redenção aconteceria por meio do branqueamento dos personagens.

A ideologia do branqueamento por meio dos casamentos inter-raciais, tinham o intuito de apagar o fenótipo negro ao longo de algumas gerações, acreditava-se que isso aconteceria a após a terceira geração.

Essa ideologia também perpetuou na esfera da Educação, em que o apagamento é fortalecido por meio de estratégias racistas que impedem a construção de espaços de produção do saber de pessoas negras: “[...] a história quando é contada pelo opressor é incompleta, e essas lacunas devem ser preenchidas pelas vozes de seus protagonistas.” (SILVA, A., 2019, p. 113).

Não obstante, para Gomes, N. (2012, p. 99), “[...] quanto mais se amplia o direito à educação, quanto mais se universaliza a educação básica e se democratiza o acesso ao ensino superior, mais entram para o espaço escolar sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento.”

As mudanças propostas pela Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), têm como objetivo promover a temática de História e Cultura Afro-Brasileiras nas grades curriculares do ensino fundamental e médio. Com isso, é aberto espaço aos intelectuais negros para escreverem sobre suas próprias histórias, literaturas e agregarem seu conhecimento científico.

Ela [a Lei nº 10.639] torna obrigatório, entre outras proposições, nos currículos escolares o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade brasileira. Penso que, à luz de uma história de 500 anos de Brasil, é um convite para repensar configurações naturalizadas pelo espírito cultural ocidental, que delineou a tônica do modo pelo qual fomos constituídos como civilização. (OLIVEIRA, R., 2008, p. 40-41).

Dessa forma, a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) é uma vitória para os movimentos negros, uma conquista de marco histórico, resultado do esforço de intelectuais, militantes e ativistas pretos, no contexto social e educacional pela valorização das culturas afrodescendentes, contra o viés da invisibilidade da história e cultura do movimento negro no Brasil.

A obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileiras” no currículo oficial da rede de ensino é um avanço que veio para quebrar o silêncio da cultura, literatura e história afro-brasileiras nas escolas e propor o reconhecimento dos diferentes grupos étnico-raciais brasileiros; resgate este, proposto pela Lei 10.639/2003, onde se agrega a Lei 11.645/2008, ressaltando cultura indígena. (SILVEIRA, 2019, p.75)

As populações de origem africana ainda sofrem com políticas universalistas que invisibilizam e põem à margem esses grupos populacionais a fim de “apagar” sua contribuição, bem como de negar e/ou deslegitimar aspectos de sua memória, cultura, história, religiosidade e sociabilidades. (SILVA; GARCEZ; LIMA, 2018, p. 360)

Em consonância com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE Educa, [2018?]), 55,8% da população brasileira é formada por negros e negras, entendendo aqui a somatória dos “pretos” e “pardos”. Entretanto, a desigualdade racial no país ainda é assustadora em vários indicadores sociais.

A veiculação maciça de propagandas em que desfilam, majoritariamente, pessoas brancas com características fenotípicas caucasianas, finda por naturalizar o sentido social de ser negro como um ser pertencente a grupo “minoritário”, convertendo a noção de “minororia” em traço semântico em si mesmo associado à pessoa negra. A consequência disso é o nascimento e a difusão da crença, na sociedade brasileira, de que esta é, plástica e predominantemente, branca! (COSTA, K., 2012, p. 46).

Desde o início da década de 1970, é possível identificar entidades que buscavam denunciar o racismo e organizar a comunidade preta, a exemplo do Movimento Negro Unificado (MNU), “[Organização] Fundada no dia 18 de junho de 1978, e lançada publicamente no dia 7 de julho, deste mesmo ano, em evento nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em pleno regime militar.” (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, 2020).

O movimento negro é entendido como um sujeito político, com uma trajetória histórica, integrante do contexto atual da organização dos movimentos sociais e participante da articulação transnacional com outros movimentos e ONGs na luta pela construção de uma sociedade democrática. (GOMES, N., 2011, p. 133).

O Movimento Negro Unificado, que comemorou 40 anos em julho de 2018, tem

como objetivo central recuperar e dar acesso a pessoas negras sobre parte de sua história e manter o movimento negro ativo, além de fortalecer a história que foi e ainda hoje é marginalizada, promovendo a preservação da memória, desconstrução de estereótipos no combate ao racismo e o resgate de registros de uma das potências dos movimentos populares.

Nilma Lino Gomes (2019) contribui para a denominação do movimento negro brasileiro como educador, produtor de saberes emancipatórios e sistematizador de conhecimento sobre a questão racial no Brasil. Saberes que foram transformados em reivindicações, das quais várias tornaram políticas de Estado no nas primeiras décadas do século XXI.

Tanto a marginalização do movimento negro quanto os vestígios deixados pela escravização fizeram-no parecer inconsistente, pois sua história foi fragmentada e, com efeito, impactou a construção da identidade de um segmento social que não teve suas narrativas como foco a formação do Brasil.

Algumas ações estão sendo realizadas na luta contra o apagamento de um movimento tão importante para brasileiros e brasileiras. Em comemoração aos 130 anos de abolição da escravização, em 13 de maio de 2018, foram disponibilizados cerca de 23 jornais e revistas chamados de “Imprensa Negra” brasileira. A iniciativa partiu das ações do Arquivo Público do Estado de São Paulo, órgão vinculado à Casa Civil, ampliando o acesso ao seu acervo, antes restrito somente à instituição:

[...] foram publicados por várias correntes do movimento negro, como o jornal *A Voz da Raça*, da Frente Negra Brasileira. Fundado em 1933, o jornal é tido como um dos mais importantes do gênero, sendo bastante lido também fora da comunidade negra. *A Voz da Raça* circulou até 1937, totalizando 70 edições. Outro exemplo é o jornal *Quilombo* (1950), editado por Abdias do Nascimento, célebre militante e agitador cultural. O periódico tinha a função de articular e divulgar a Convenção Nacional do Negro Brasileiro [...]. (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

O Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (IPEAFRO) também é uma importante instituição para a preservação e recuperação da memória do Movimento Negro no Brasil; ele atua na valorização da história e cultura de pessoas pretas e promove a construção e o respeito pela identidade negra por meio de cursos, fóruns, publicações, pesquisas, memórias e patrimônio:

O IPEAFRO tem apoio e parceria do Arquivo Nacional, *Library of Congress*, Fundação Biblioteca Nacional, *Ford Foundation* e da *Center of Research Library*. Foi fundado em 1981 por Abdias Nascimento, tendo sua primeira sede na Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo (PUC-SP). Em 1983, lançou a revista *Afrodiáspora*, que funcionou como importante instrumento para estímulo a pesquisa, análise e divulgação do universo afro-americano e diaspórico. Devido à falta de estrutura da PUC-SP para salvaguardar seu acervo, teve sua sede transferida para o Rio de Janeiro, em 1984. (VAZ, 2019, p. 78).

Nesse sentido, o conceito de “afrocentrar” faz-se presente, demanda o conhecimento de nossas origens africanas para construção de uma identidade de pessoas pretas orgulhosas dos seus ancestrais, para a sua própria valorização e das próximas gerações, respeitando seus aspectos sociais, culturais, religiosos e principalmente de um povo livre.

## 2.2 A vez e a voz da mulher preta a partir do feminismo negro

Quando a verdadeira história da causa antiescravagista for escrita, as mulheres ocuparão um vasto espaço em suas páginas; por que a causa das pessoas escravas tem sido particularmente uma causa das mulheres. (FREDERICK, 2017).<sup>8</sup>

Na esteira dos movimentos negros em busca por igualdade racial, a fim de compreender a trajetória da mulher negra no Brasil, que além de ser estigmatizada pela questão racial, também possui a somatória da sua condição de mulher, surge em 1970, o Movimento Feminista.

bell hooks<sup>9</sup> (2020), em seu livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, apresenta o feminismo como uma teoria de ativismo solidário que, por meio da popularização dos ideais feministas, reivindica direitos igualitários. Contudo, os estereótipos acerca do feminismo assolaram o início do movimento das mulheres, cujos reflexos se estendem até os dias de hoje.

Na maioria das vezes pensam que o feminismo se trata de um bando de mulheres bravas que querem ser iguais aos homens. Essas pessoas nem pensam que o feminismo tem a ver com direitos. Quando falo do feminismo que conheço – bem de perto e com intimidade –, escutam com vontade, mas, quando nossa conversa termina, logo dizem que sou diferente, não como as feministas “de verdade”, que odeiam homens, que são bravas. (HOOKS, 2020, p. 12).

hooks (2020, p. 12) acrescenta que o movimento feminista não é visto como um movimento anti-homem, “[...] o Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão.” O feminismo busca ser um movimento

<sup>8</sup> Frederick foi um aliado do movimento das mulheres no Século XIX.

<sup>9</sup> A autora bell hooks pede que seu nome seja citado em letra minúscula como forma de posição política da autora.

antissexista, já que “[...] o feminismo constitui tanto uma ideologia como um movimento político global confrontando o sexismo – uma relação social na qual os homens, como um grupo, têm autoridade sobre as mulheres enquanto grupo.” (COLLINS, 2017). O movimento feminista,

[...] questionava os alicerces culturais nos quais se assentava a desvalorização do feminino, expressa em leis, em práticas, em linguagens simbólicas e chamava atenção para o fato de que, ao longo da nossa história, a hierarquia e a desigualdade permeiam as relações de gênero, constituindo um elemento fundamental na organização do poder e nos sistemas de valores que alicerçam os conceitos de masculino e de feminino em nossa sociedade. (PITANGUY, 2002, p. 26).

No contexto do movimento feminista brasileiro, seu início sempre foi veiculado com os movimentos sociais e as lutas pela democratização do país, não somente pela busca de igualdade de gênero, mas também pela democratização do mercado de trabalho e pela ocupação de espaços garantidos por direitos na sociedade para as mulheres.

São memoráveis, para as feministas, o protagonismo que tiveram nas lutas pela anistia, por creche (uma necessidade precípua das mulheres de classes populares), na luta pela descriminalização do aborto que penaliza, inegavelmente, as mulheres de baixa renda, que o fazem em condições de precariedade e determinam em grande parte os índices de mortalidade materna existentes no país; entre outras ações. (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Assim como os demais movimentos sociais, o feminismo, por muito tempo, ficou refém da visão eurocêntrica e da generalização das mulheres, o que dificultava perceber as desigualdades e as diferenças no universo feminino. Além do sexismo, as mulheres pretas foram silenciadas e vítimas de outras formas de opressões que as tornavam invisíveis perante a sociedade. Por muito tempo, as particularidades e as pautas das mulheres negras foram silenciadas e inviabilizadas.

Nesse contexto, o enegrecer do movimento feminista brasileiro é pautado na importância dos recortes raciais, as diferenças entre mulheres pretas e mulheres brancas, ressaltando a necessidade de olhar para a subjetividade das mulheres pretas e seus anseios. Ao mesmo tempo, dentro do próprio movimento negro as mulheres pretas tinham pouco poder de decisão.

*Enegrecendo o feminismo* é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades

multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista no Brasil. (CARNEIRO, 2003, p. 118, grifo do autor).

Essa nova visão do feminismo e do antirracismo afirmava a nova identidade política causada pelas condições especiais das mulheres pretas ao integrar a tradição de luta do movimento negro e a tradição de luta do movimento de mulheres. O atual movimento das mulheres negras promove a integração do movimento negro com a bandeira de luta que as mulheres do país sempre carregaram ao trazer para a arena política expressões evidentes de variáveis como raça, classe e gênero. Isso as torna mais representativas no grupo de mulheres brasileiras e, promove a feminilização das propostas e demandas do movimento negro.

Em meio a essa atividade de reconhecimento dos direitos igualitários das mulheres pretas, os vestígios da colonização e do patriarcado<sup>10</sup>, remanescentes da escravização, reforçam os estereótipos sobre as mulheres pretas no imaginário da nossa sociedade a despeito dos “[...] novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que [ainda] mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituída no período da escravidão.” (CARNEIRO, 2011).

As mulheres negras são as que mais sofrem dentro da sociedade brasileira. Cotidianamente, estão sob as garras do sistema opressor que as silencia, mata e pretere. É esse sistema que faz com que a maioria das mulheres negras brasileiras vivam em situação de “mães solo”, sofram para ingressar no mercado de trabalho formal, possuam baixas taxas de alfabetização, trabalhem em tarefas domésticas remuneradas e ganhem menos que homens brancos e negros e que mulheres brancas. (SILVA; GARCEZ; LIMA, 2018, p. 219).

A trajetória acadêmica de mulheres negras ainda apresenta números baixos comparados com ingresso de mulheres brancas e homens pretos, como pode-se observar nos dados apresentados por Lima, G. (2019, p. 55):

A baixa representatividade começa no início da graduação. Por mais que tenha um crescente na inserção no ensino superior, as mulheres negras, ainda são 6% e as mulheres Brancas são em torno de 40%, baseado na porcentagem do último censo da Educação Superior mais recente, de 2016.

Na pós-graduação, duas questões contribuem para a diminuição dos dados mencionados anteriormente: acontece que alguns programas ainda não utilizam as

---

<sup>10</sup> Formação social em que os homens detêm o poder.

cotas raciais; e muitos possuem resistência aos estudos sobre a temática de gênero e raça, ou ocorre conforme pontua Lima, G. (2019, p. 55): “[...] quando há docentes que aderem ao tema mesmo sem conhecimento, estes buscam ajuda de outros docentes que são especialistas no tema para auxiliar como coorientador.”

Refletir sobre a mulher negra na Ciência da Informação promove diálogo entre a área, as relações étnico-raciais e a equidade de gênero.

Na Ciência da Informação (CI) também é possível identificar certa masculinização em sua história, uma vez que facilmente nos vem à memória uma grande quantidade de nomes masculinos que a protagonizaram, em relação aos poucos nomes femininos, aos quais são dados a devida importância histórica. (CORRÊA; OLIVEIRA, 2018, p. 18).

Corrêa e Oliveira (2018) ainda acrescentam que o aumento exponencial das pesquisas de mulheres na Ciência da Informação ocorre a partir dos anos 2000, a respeito das questões de gênero. Cabe complementar que pesquisas de Francisca Rasche (1998), Giulia Crippa (2011), Leilah Santiago Bufrem e Bruna Silva Nascimento (2012), Maria Mary Ferreira, Marco Aurélio Veiga, Rafaela Teixeira e Isadora Evangelista (2013), e de Maria Rodrigues Souza e Lúcia Afonso (2014), deram grande contribuição sobre questões de gênero, promovendo discussões no âmbito da Ciência da Informação a respeito da formação acadêmica, da mediação da informação, da própria literatura da área, da desigualdade no mercado de trabalho e no viés das bibliotecas.

[...] o objeto da CI é o estudo das relações entre os discursos, áreas de conhecimento e documentos em relação às possíveis perspectivas ou pontos de acesso de distintas comunidades de usuários. Entre essas comunidades de usuários, destacamos as mulheres, grupo que tem em comum a vivência do feminino, é sincronizado em linguagem e conhecimento e construído socialmente atrelado a dimensões culturais, sociais e históricas. As mulheres constituem um grande público consumidor de informações, cujo comportamento merece ser investigado. (ESPÍRITO SANTO, 2008).

Proporcionar discussões na grande área da Ciência da Informação com a temática da questão de gênero corrobora a promoção da representatividade e a atuação da mulher em diferentes contextos da sociedade. O movimento feminista foi e ainda é um marco muito importante na luta pelo direito das mulheres, no entanto, nesta pesquisa, a atenção é voltada para as particularidades do feminismo negro e a luta das mulheres pretas no interior dos movimentos sociais brasileiros.

Por esse motivo, faz-se necessário reformular os olhares da Ciência da Informação, promover a visibilidade sob as lentes dos estudos de gênero e das

questões raciais, com o objetivo de ressignificar a importância da mulher preta e de suas contribuições para a área, assim como para a análise dos atributos relacionados aos papéis sociais de homens e mulheres ao categorizar espaços considerados masculinos e femininos.

Para que haja essa real inclusão, acesso e uso da informação nessa sociedade informacional, primeiro é preciso reconhecer a diversidade cultural e reconhecer que não há sociedade da informação se não houver o 'reconhecimento da exclusão e da necessidade de democratização da informação'. (AQUINO, 2013, p. 69).

As representações do saber preto, nesse contexto, devem ser reconhecidas e utilizadas para fortalecer a subjetividade preta, portanto, as representações devem ser reforçadas nos processos de catalogação, indexação e registros bibliográficos a fim de refutar as representações de teor pejorativo, que reforçam os estereótipos sociais a respeito da mulher preta, levantando a problemática do retrato da mulher negra e como expressões escolhidas para designar esse grupo social e representá-lo promovem os preconceitos enraizados nos próprios instrumentos de organização e representação da informação, revelando a complexidade desse tipo de operação.

### **2.3 Apagamento e visibilidade de documentos sob o prisma da Ciência da Informação**

Se o livro não diz, que cor você dá aos personagens? (MIRANDA, 2020).

O processo de organização e representação da informação, começou com a necessidade de registros e representações de informações para transmissão do conhecimento ao longo do tempo, assim, englobando, nesse contexto, a evolução do pensamento e quebra de barreiras geográficas, religiosas e ideológicas, no compartilhamento do conhecimento ao longo dos anos.

Resgatar a história proporciona fortalecer e construir nossas perspectivas; a construção de novos conceitos presentes na sociedade da informação atual, das pinturas rupestres à oralidade (fase manual), dos primeiros catálogos (automação) aos repositórios digitais (Internet), a informação registrada tem sido vista como instrumento para o desenvolvimento e para a comunicação humana.

Nesse contexto, conforme apresentado por Buckland (1991), optou-se por estudar o apagamento e a visibilidade da mulher preta em recursos informacionais a partir do conceito de "informação-como-coisa", ou seja, a informação registrada e tangível, porque é algo expresso, descrito ou representado de alguma forma física.

Zafalon (2017, p. 125) afirma que a informação registrada é entendida “[...] enquanto aquela de interesse de sistemas de informação e de comunicação, tendo em vista sua manipulação e sua operacionalização, com vistas ao seu armazenamento e à recuperação.”

[...] para que a informação-como-coisa se consolide, o processamento da informação mental [é requerido]. Noutras palavras: o processamento da informação mental culmina, por conta de seu registro, na informação-como-coisa. (ZAFALON, 2017, p. 126).

O destaque do pensamento da autora é importante aqui porque se entende que o recurso informacional abrange textos e objetos textuais e demais objetos informativos como: evidências nas operações da representação documental (ZAFALON, 2017). As atividades de representação da informação, que resultam em um registro que promove a descoberta de documentos, possuem funções de representação de dados provenientes das características de um item documental. Alvarenga (2003) afirma que a representação permite a substituição do documento por um conjunto de elementos relativos às suas características em um registro bibliográfico, com a finalidade de possibilitar sua recuperação. Sobre essa questão, Furgeri (2006, p. 26) acrescenta que é necessário que “[...] a informação receba um tratamento para ser compreensível aos seres humanos, ela deve ser representada de alguma forma para que tenha sentido.”

Dessa forma, entende-se a representação da informação como o resultado do processo de organização dessa informação, como um grupo de elementos descritivos que representam os atributos de um recurso informacional, em outras palavras,

A organização e representação da informação são processos essenciais para possibilitar sua recuperação e uso posteriores. Se não houver organização, a comunicação entre a informação produzida e sua efetiva utilização poderá ser dificultada. De maneira geral, o processo de organização da informação envolve a descrição física e de assunto dos objetos informacionais. (MELO; BRÄSCHER, 2014, p. 103).

Para a Ciência da Informação, o termo representar está associado às características descritivas e temáticas (por exemplo, resumo, extrato, índices) de um documento para obter maior conhecimento, ou seja, “[...] a representação da informação é a descrição formal – física e de conteúdo – dos objetos informacionais.” (SALES, 2017, p. 76).

Parte-se, então, do pressuposto de que é por meio da catalogação e de seus princípios<sup>11</sup> que torna-se possível o processo de organização e representação dos recursos informacionais e de que é por meio de um conjunto de representações que se formam um catálogo, com o qual se estabelece a comunicação dos sistemas de informação. O catálogo atua como um canal de comunicação estruturado que permite a interação das mensagens contidas nos itens agrupadas por suas semelhanças com o usuário final. Entretanto, para estabelecer essa comunicação entre máquina e pessoas é necessária a padronização dos procedimentos da catalogação, capaz de uniformizar o processo e o resultado do produto. Em suma:

[...] a descrição bibliográfica deve ser desenvolvida para cada manifestação e, tipicamente baseada em um item representativo da mesma, de modo a incluir atributos do item e ser reconhecido como a corporificação da obra e da expressão. O documento indica ainda que os dados descritivos devem ser baseados em um padrão acordado internacionalmente (ZAFALON; DAL'EVEDOVE, 2016, p. 5).

A descrição de assunto é um grande desafio para os profissionais como forma de representar a informação sem comprometer seu significado. Assim, faz-se necessário resgatar os conceitos de descrição de assunto na Ciência da Informação no que se refere ao processo de identificar os recursos informacionais em seu conteúdo para possibilitar o acesso dos usuários aos termos inseridos nos sistemas de informação e comunicação.

A descrição física objetiva identificar características específicas relacionadas à forma do objeto informacional que sirvam para individualizá-lo, como autor, título, data de publicação, editor, entre outras. A descrição de assunto visa sintetizar, por meio de códigos ou termos significativos, o conteúdo do objeto informacional. De natureza mais complexa, esse tipo de descrição lida com os conceitos e seus relacionamentos, possibilitando ampla análise da informação que possa ser de interesse dos usuários. (MELO; BRÄSCHER, 2014, p. 103).

Nesse contexto, volta-se a atenção para a prática profissional na construção da estrutura conceitual que irá construir os sistemas de informação e comunicação, em outras palavras, requer voltar o olhar para composição social, cultural, política e econômica nos quais estão inseridos. Cabe acrescentar que:

Por focar o conteúdo, a descrição de assunto depende muito de quem a realiza no processo de organização da informação. Fatores como a subjetividade peculiar do ser humano, conhecimento prévio da

---

<sup>11</sup> A Declaração de Princípios – conhecida geralmente por “Princípios de Paris” – foi aprovada pela Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação em 1961. O seu propósito foi o de servir como base para a normalização internacional na catalogação.

área de assunto, capacidade de percepção, dedução, indução e inferência interferem na caracterização do objeto informacional a partir de seu conteúdo, tornando-o um processo descritivo complexo e menos suscetível à predefinição de regras. (MELO; BRÄSCHER, 2014, p. 104).

Dessa forma, quando o profissional reconhece que o Brasil é um país onde existe racismo e que, portanto, foi construído sob uma estrutura de preconceito e discriminação por cor, as ferramentas de representação temática estão sujeitas a reproduzir o racismo. A representação temática sobre pessoas negras caracteriza-se “[...] como processo de exclusão que elege uma língua universal e exprime um conhecimento desvinculado das necessidades de informação específica que o usuário busca.” (AQUINO; SANTANA, 2013, p. 24).

Essas evidências científicas demonstram não apenas a consequência do predomínio do pensamento hegemônico e de resquício colonial, mas também, a ampliação simbólico-material de uma supremacia branca nas práticas de ensino. Tem-se, logo, outro grave problema que tem impacto direto na sociedade e, infelizmente, é repercutido por grande parte dos egressos formados pelos cursos em BCI: a reprodução do preconceito racial e exclusão social e informacional da população negra e indígena. (SILVA; SALDANHA; PIZARRO, 2018, p. 18).

O corolário que decorre dessas observações é que as questões étnico-raciais precisam estar vinculadas aos procedimentos necessários para identificar o conteúdo dos documentos, envolvendo análise, descrição bibliográfica e representação da informação.

É comum, ainda, observar a exclusão e preconceito afetando as práticas realizadas nas bibliotecas públicas, comunitárias, escolares e universitárias. Como parte da inconsciência de uma categoria profissional afetada pela branquitude, enfatiza-se a ausência de uma atuação crítica que poderia fomentar a emancipação social (SILVA; SALDANHA; PIZARRO, 2018, p. 18).

A partir do pressuposto de que o processo de branqueamento pode impactar a criação de formas de representação e recuperação de documentos das unidades de informação, é premente pensar na qualidade da prática profissional e nos instrumentos utilizados para tais atividades como, por exemplo, tabelas de classificação, vocabulários controlados, tesouros, listas de cabeçalhos e formas de indexação.

Esses instrumentos inevitavelmente contêm resquícios de padrões eurocentristas que podem implicar o apagamento ou a invisibilidade em estudos sobre a mulher preta na esfera social e ética, o que tem impacto direto na dificuldade de

desconstrução ou no reforço de termos de teor pejorativo a respeito do retrato da mulher preta em estudos na Ciência da Informação.

Com essas considerações, encerra-se esta terceira subseção, que identificou a necessidade de fortalecer a ligação das práticas profissionais voltadas para o olhar social e inclusivo na promoção da representatividade da mulher preta nos estudos em Ciência da Informação. A seção seguinte percorre os procedimentos metodológicos e o mapeamento de literatura que apresenta a discussão sobre a mulher preta na Ciência da Informação.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreender como a mulher preta vem sendo estudada na literatura brasileira na Ciência da Informação, o percurso metodológico desta pesquisa consistiu em um estudo de natureza aplicada. Este estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, fazendo uso do mapeamento de literatura como parte do procedimento bibliográfico, tendo a análise de conteúdo como método para análise de dados.

A pesquisa configura-se de natureza aplicada, pois dirige-se a uma questão em particular ao relatar como a mulher preta é estudada e representada na Ciência da Informação.

Ao utilizar a abordagem qualitativa, procura-se compreender o objeto de pesquisa com foco no conteúdo dos documentos. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), não há preocupação “[...] com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização [...]”. Assim, a partir do mapeamento da literatura, será possível identificar os principais estudos e as lacunas do conhecimento de modo a subsidiar o desenvolvimento da pesquisa.

Inicialmente, ao desenvolver a pesquisa exploratória sobre o tema, foi possível compreender um cenário geral das pesquisas. De acordo com Gil (2010, p. 27), “As pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.”

Para o alcance dos objetivos bibliográficos definidos neste estudo elegeu-se a pesquisa bibliográfica, a qual se configura como:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, J., 2002, p. 32).

Diante das diversas formas de documentação do material coletado, optou-se por submeter o *corpus* à análise de conteúdo que, segundo Bardin (2009, p. 44), consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Entre as diferentes técnicas que podem ser adotadas no processo de análise, Bardin (2009) elenca a Análise Categorical, a Análise de Avaliação, a Análise da Enunciação, a Análise Proposicional do Discurso e a Análise de Expressão. Nesta pesquisa optou-se pela Análise Categorical, visto que “[...] funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos.” (BARDIN, 2009, p. 199). A Análise Categorical apresenta resultados positivos em pesquisas qualitativas por possibilitar a interpretação fundamentada em inferência.

O processo de análise de dados envolve várias etapas para apurar a significação dos dados coletados, e optou-se por elencar as etapas apresentadas por Bardin (2009), a qual se dispõe em três fases:

- pré-análise: fase de organização do material coletado, fazendo a sistematização das ideias. Essa organização requer escolha dos documentos, uma leitura fluente deles, formulação de hipóteses e objetivos e referenciação dos índices, com a elaboração dos indicadores;
- exploração do material: fase na qual se definem as categorias; consiste na fase de descrição analítica, que diz respeito ao *corpus* de análise, fazendo codificação, classificação e categorização do material coletado;
- tratamento dos resultados: fase que compreende a interpretação dos dados e a discussão dos resultados em relação aos objetivos da pesquisa; o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica.

Tendo em vista as diferentes fases de análise de conteúdo propostas por Bardin (2009), a pesquisa parte da pré-análise, com organização das buscas e, conseqüentemente, do material coletado. Iniciou-se pelo mapeamento de literatura.

### **3.1 A coleta de dados**

Para o desenvolvimento da coleta de dados nesta pesquisa seguiu-se o protocolo apresentado no Quadro 1. O protocolo proposto, além direcionar o desenvolvimento da pesquisa, permite a confiabilidade do estudo, bem como sua

repetitividade e auditabilidade.

Quadro 1 – Protocolo do mapeamento de literatura

<b>Título</b>	Mapeamento de literatura sobre mulher preta na Ciência da Informação no Brasil
<b>Pesquisadoras</b>	Gabriele Rodrigues Pereira e Zaira Regina Zafalon
<b>Descrição</b>	Pesquisa sobre identificação de estudos sobre mulher preta na Ciência da Informação no Brasil
<b>Protocolo</b>	
<b>Objetivo:</b>	O objetivo deste mapeamento é identificar o que se estuda sobre mulher preta na Ciência da Informação no Brasil
<b>Principais questões:</b>	Quais são os estudos sobre a mulher preta na Ciência da Informação no Brasil? Quem são os autores? Onde são publicados? Quando foram publicados?
<b>População:</b>	Estudos que têm a mulher preta como tema ou temas relacionados
<b>Intervenção:</b>	Estudos que discutem aspectos teórico-pragmáticos acerca da mulher preta na Ciência da Informação no Brasil
<b>Resultados:</b>	Extrair, agregar e apresentar os dados do mapeamento
<b>Palavras-chave e sinônimos</b>	
<b>Palavras-chave</b>	NEGRO, NEGRA, NEGROS, NEGRAS, PRETO, PRETA, PRETOS, PRETAS, MULATA, MULATO, MULATAS, MULATOS, AFRICANA, AFRICANO, AFRICANAS, AFRICANOS, MESTIÇO, MESTIÇA, MESTIÇOS, MESTIÇAS, PARDO, PARDA, NEGRITUDE, AFRO, AFRO-BRASILEIRO, AFRO-BRASILEIRA, AFRODESCENDENTES, CRIOULO, CRIOULA
<b>Definição de critérios de seleção de fontes</b>	
<b>Crítérios</b>	As pesquisas consideradas neste estudo são aquelas indexadas em bases de dados nacionais de Ciência da Informação no Brasil, a saber: BDTD, ISKO Capítulo Brasil e BRAPCI, e a ENANCIB, com recorte geográfico BRASIL.
<b>Idiomas</b>	Todos os idiomas dos textos recuperados, sem restrição
<b>Métodos de pesquisa de fontes</b>	Montar expressão de busca; Aplicar as expressões nas bases definidas para a realização da pesquisa; Exportar os dados das publicações; Importar os dados em uma planilha do Excel; Elaborar gráficos e tabelas que auxiliarão na apresentação na

	análise dos dados.
<b>Lista de fontes</b>	
<b>Fonte:</b>	BDTD, ENANCIB, BRAPCI e ISKO
<b>Estudar critérios de seleção (inclusão e exclusão)</b>	
<b>Critério:</b>	Palavra-chave no assunto, título ou resumo: incluir. Palavra-chave ausente no assunto, título ou resumo: excluir.
<b>Campos de formulário de extração de dados</b>	
<b>Texto, escolha uma lista ou escolha muitos:</b>	Título, resumo e assunto.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Definido o protocolo de pesquisa para direcionar a realização do mapeamento de literatura, os próximos passos consistiram em planejar as buscas nas bases de dados selecionadas.

A escolha por utilizar somente os radicais das palavras-chave AFRIC\*, AFRO\*, AFR\*\*BRAS, CRIOU\*, MESTIÇ\*, MULAT\*, NEGR\*, PARD\*, PRET\*, justificou-se pela possibilidade de ampliar os resultados dos documentos recuperados nesta pesquisa. Ao considerar todo o conjunto de palavras-chave, as *strings* foram montadas de acordo com o comportamento de cada base de dados utilizada nesta pesquisa.

O mapeamento da literatura foi realizado a partir das buscas realizadas com vistas a identificar artigos científicos, artigos de eventos, dissertações e teses da Ciência da Informação. As bases de dados utilizadas foram: Bases de Dados Referenciais de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Destaca-se que, na BRAPCI também é possível recuperar, além de artigos científicos publicados em periódicos, artigos de várias edições dos eventos do Capítulo Brasileiro da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), intitulado Congresso Brasileiro em Organização e Representação do Conhecimento, e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), identificado como Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB).

Justifica-se a opção de busca na base BRAPCI por ser uma base que indexa documentos com tema voltado a Ciência da Informação, caracterizando-se com base de caráter específico. A base de dados BDTD indexa trabalhos resultantes das

dissertações e teses desenvolvidas pelos os programas de pós-graduação brasileiros. O ENANCIB é responsável por ser um dos principais eventos de pesquisa e de pós-graduação em Ciência da Informação e reflete a produção do conhecimento da área. O Congresso Brasileiro em Organização e Representação do Conhecimento é responsável por apoiar o desenvolvimento científico, cultural e educacional da área de Organização do Conhecimento.

Após o mapeamento de literatura ter sido planejado, procedeu-se a coleta de dados, realizada, no período de 30 de novembro a 1º de dezembro de 2020, tanto na BRAPCI quanto na BDTD.

Nas buscas realizadas na BRAPCI adotou-se como estratégia de busca as seguintes expressões: (título:afric\* OR palavra-chave:afric\* OR resumo:afric\*), (título:pret\* OR palavra-chave:pret\* OR resumo:pret\*), (título:pard\* OR palavra-chave:pard\* OR resumo:pard\*), (título:negr\* OR palavra-chave:negr\* OR resumo:negr\*), (título:mulat\* OR palavra-chave:mulat\* OR resumo:mulat\*), (título:mestiç\* OR palavra-chave:mestiç\* OR resumo:mestiç\*), (título:criou\* OR palavra-chave:criou\* OR resumo:criou\*), (título:afro\* OR palavra-chave:afro\* OR resumo:afro\*). A massa documental analisada pode ser avaliada na Tabela 1.

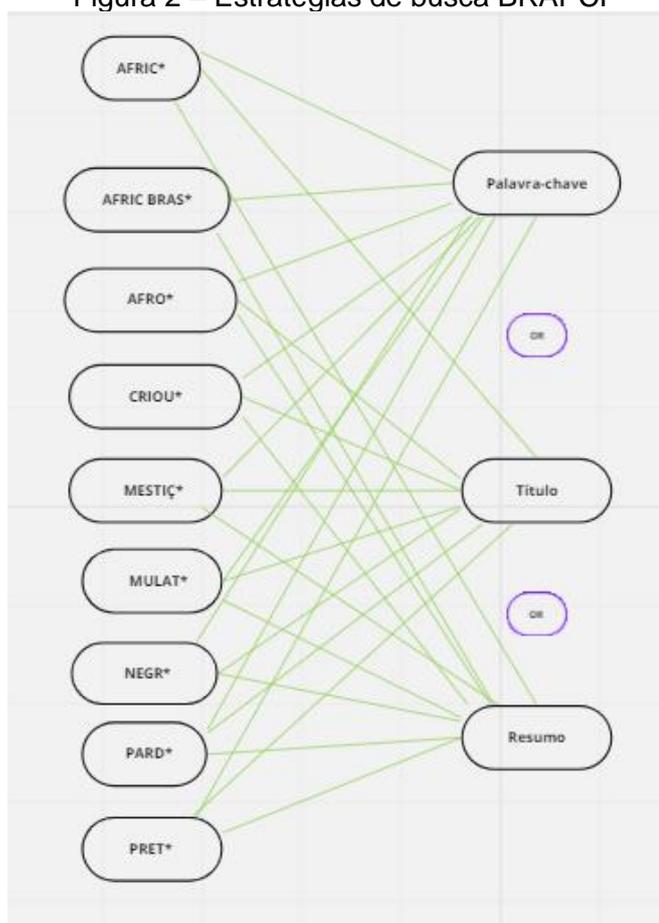
Tabela 1 – Identificação quantitativa da massa documental analisada na base de dados BRAPCI

<b>Expressão de Busca</b>	<b>Ocorrências</b>
título:afric* OR palavra-chave:afric* OR resumo:afric*	150
título:pret* OR palavra-chave:pret* OR resumo:pret*	1.453
título:pard* OR palavra-chave:pard* OR resumo:pard*	12
título:negr* OR palavra-chave:negr* OR resumo:negr*	189
título:mulat* OR palavra-chave:mulat* OR resumo:mulat*	2
título:mestiç* OR palavra-chave:mestiç* OR resumo:mestiç*	8
título:criou* OR palavra-chave:criou* OR resumo:criou*	71
título:afro* OR palavra-chave:afro* OR resumo:afro*	156
<b>Total</b>	<b>2.041</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Para melhor entendimento da estratégia de busca adotada na base de dados BRAPCI, segue a Figura 2.

Figura 2 – Estratégias de busca BRAPCI



Fonte: Elaborado pela autora.

Destaca-se que termos como preto, preta e negro, advindos das estratégias de buscas PRET\* e NEGR\*, recuperaram documentos associados a áreas geográficas Ribeirão Preto, Ouro Preto e Rio Negro ou com outras áreas do conhecimento como Filosofia da Caixa Preta, que não tinham relação com o objeto de pesquisa.

Nas buscas realizadas na BDTD adotou-se como estratégia de busca a seguinte expressão: (Título:AFRIC\* OR AFRO\* OR CRIOU\* OR MESTIÇ\* OR MULAT\* OR NEGR\* OR PARD\* OR PRET\* OU Assunto:AFRIC\* OR AFRO\* OR CRIOU\* OR MESTIÇ\* OR MULAT\* OR NEGR\* OR PARD\* OR PRET\* OU Resumo Português:AFRIC\* OR AFRO\* OR CRIOU\* OR MESTIÇ\* OR MULAT\* OR NEGR\* OR PARD\* OR PRET\*)", que resultou em 66.362 registros.

Com vistas a atender ao objetivo proposto, optou-se por utilizar filtros a partir dos nomes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, listados na Plataforma Sucupira na área de avaliação da CAPES identificada como Comunicação e Informação, a saber:

- Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia: ofertado por Universidade Federal do Cariri (UFCA) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO);

- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação: ofertado por Universidade Federal de Sergipe (FUFSE), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília (UNESP-MAR), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (UFPB-JP), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal Fluminense (UFF);

- Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação: ofertado por Universidade de Brasília (UNB) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);

- Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação: ofertado por Universidade de São Paulo (USP) e Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC);

- Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação e do Conhecimento: ofertado por Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);

- Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos: ofertado por Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO);

- Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento: ofertado por Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);

- Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos: ofertado por Fundação Casa de Rui Barbosa; e

- Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento: ofertado por Universidade FUMEC.

A partir do refino da estratégia de busca com os nomes dos programas, obteve-se os resultados apresentados na Tabela 2. A falta de padronização da nomenclatura dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação ficou evidente durante o processo de coleta de dados na base de dados BDTD.

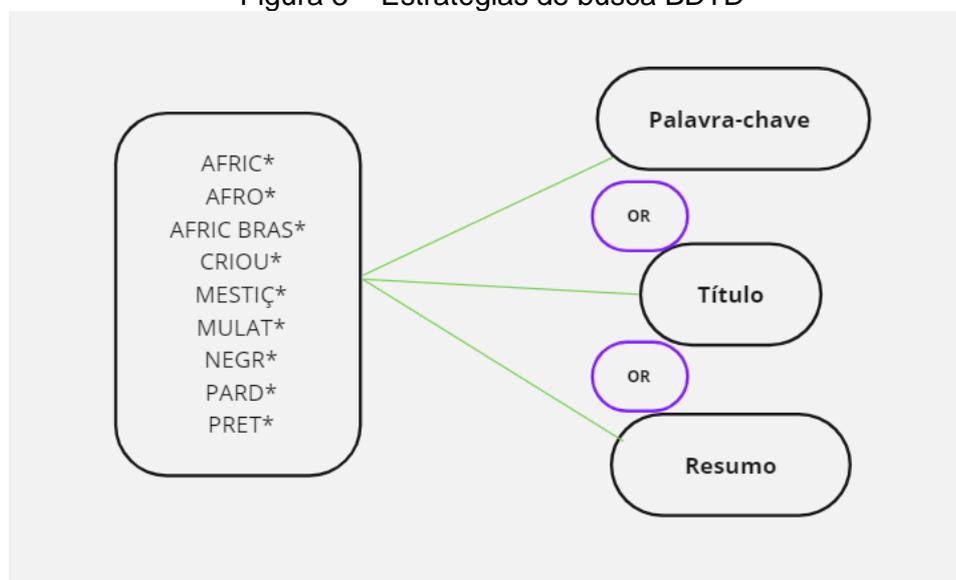
Tabela 2 – Identificação quantitativa da massa documental analisada na base de dados BDTD e nomes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação

<b>Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação</b>	<b>Ocorrências</b>
Programa de PÃ³s-GraduaÃ§Ã£o em Biblioteconomia	2
Programa de PÃ³s-GraduaÃ§Ã£o em GestÃ£o e OrganizaÃ§Ã£o do Conhecimento	2
PROGRAMA DE PÃ“S-GRADUAÃ§Ã£o EM GESTÃ£o DA INFORMAÃ§Ã£o E DO CONHECIMENTO	2
Programa de PÃ³s-GraduaÃ§Ã£o em CiÃªncia da InformaÃ§Ã£o	45
CiÃªncia da InformaÃ§Ã£o	24
Programa de Pos Graduacao em Ciencia da Informacao	11
Programa de PÃ³s-GraduaÃ§Ã£o em CiÃªncia da InformaÃ§Ã£o	7
PÃ³s-GraduaÃ§Ã£o em CiÃªncia da InformaÃ§Ã£o	7
CiÃªncia da InformaÃ§Ã£o	6
Programa de PÃ³s-GraduaÃ§Ã£o em CiÃªncia da InformaÃ§Ã£o	5
Programa de PÃ³s-graduaÃ§Ã£o em CiÃªncia da InformaÃ§Ã£o	2
Programa De PÃ³s-GraduaÃ§Ã£o Em CiÃªncia Da InformaÃ§Ã£o	1
PROGRAMA DE PÃ³S-GRADUAÃ§Ã£o EM CIÃªNCIA DA INFORMAÃ§Ã£o	1
em CiÃªncia da InformaÃ§Ã£o	1
<b>Total</b>	<b>116</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Para melhor entendimento da estratégia de busca adotada na base de dados BDTD, segue a Figura 3.

Figura 3 – Estratégias de busca BDTD



Fonte: Elaborado pela autora.

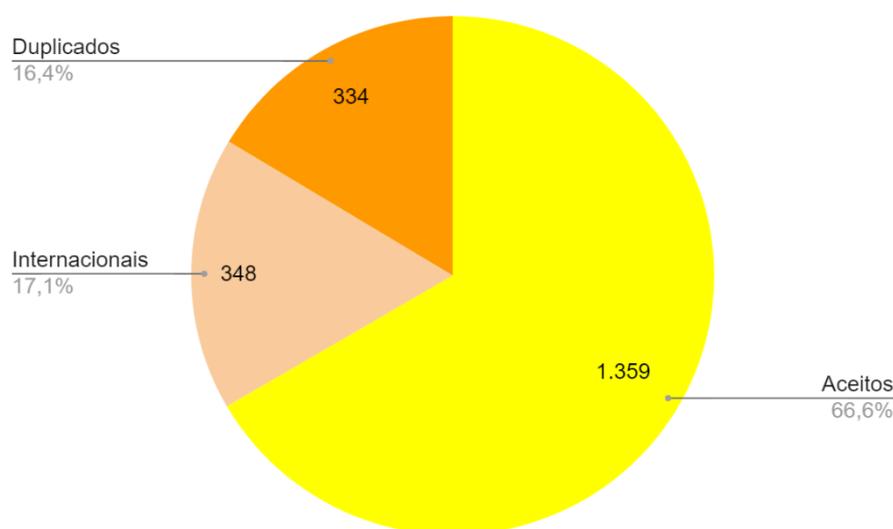
Depois de realizadas as buscas nas bases de dados, deu-se início à fase de pré-análise do material coletado.

### 3.2 A pré-análise dos dados coletados

O desenvolvimento dessa fase teve início com a identificação de ocorrências de documentos duplicados e daqueles publicados em periódicos internacionais, visto que não eram de interesse desta pesquisa.

O Gráfico 1 demonstra que, dentre os 2.041 documentos recuperados na BRAPCI, 334 (16,4%) eram duplicados, 348 (17,1%) eram de publicações internacionais, e 1.359 (66,6%) foram aceitos para análise.

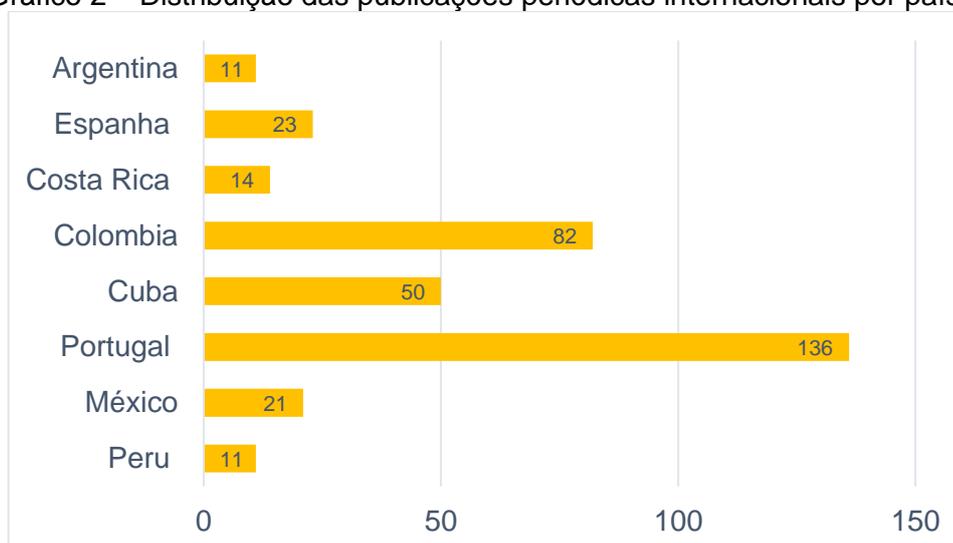
Gráfico 1 – Documentos duplicados, internacionais e aceitos identificados na BRAPCI



Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os documentos com publicação periódica internacional, foi possível identificar que eram publicados nos países: Argentina, Espanha, Costa Rica, Colômbia, Cuba, Portugal, México e Peru, conforme apresentado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição das publicações periódicas internacionais por países



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 2 ilustra a distribuição da quantidade de documentos recuperados na BRAPCI e que foram publicados em outros países. Ao analisar o gráfico nota-se um expressivo volume de documentos publicados em Portugal, Colômbia e Cuba, com destaque para o primeiro.

Tendo sido identificados os documentos que comporiam o rol de documentos aceitos, seguiu-se para a identificação dos periódicos científicos nacionais nos quais os artigos foram publicados. Com isso, foi possível identificar que os artigos científicos foram publicados nos periódicos nacionais listados na Tabela 3, apresentada a seguir.

Tabela 3 – Periódicos nacionais identificados na BRAPCI

<b>Título</b>	<b>Ocorrências</b>
Ciência da Informação	74
Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde	74
Acervo - Revista do Arquivo Nacional	65
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	50
BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	45
Comunicação & Informação	45
Em Questão	44
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	44
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	43
Biblionline	40
Informação & Informação	40
Informação & Sociedade: Estudos	40
Perspectivas em Ciência da Informação	40
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	36
DataGramaZero	34
Ágora	33
Liinc em revista	32
Múltiplos Olhares em Ciência da Informação	28
Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	28
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	26
Transinformação	26
Inclusão Social	25
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	22
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	19
Ponto de Acesso	17
Revista de Biblioteconomia de Brasília	17
Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias	17
Logeion: filosofia da informação	16
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	16
Brazilian Journal of Information Science	15
AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento	13
Informação em Pauta	12
Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação	12
Revista Folha de Rosto	12

Biblioteca Escolar em Revista	9
Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	9
Arquivo & Administração	8
Revista Bibliomar	8
Revista P2P e INOVAÇÃO	8
Informação & Tecnologia	7
Informação Arquivística	7
Informação@Profissões	7
Revista Analisando em Ciência da Informação	7
Ciência da Informação em Revista	5
Convergência em Ciência da Informação	5
Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins	5
Bibliocanto	4
CRB8 Digital	4
Memória e Informação	4
Revista Conhecimento em Ação	4
Revista de Biblioteconomia & Comunicação	4
Archeion Online	3
Arquivística.net	3
Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	3
Revista Eletrônica Informação e Cognição	3
Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas	2
Cadernos de Biblioteconomia	2
Revista Cajueiro	2
CAJUR - Caderno de Informações Jurídicas	1
IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia	1
Revista Fontes Documentais	1
Revista Informação na Sociedade Contemporânea	1
<b>Total</b>	<b>1.227</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

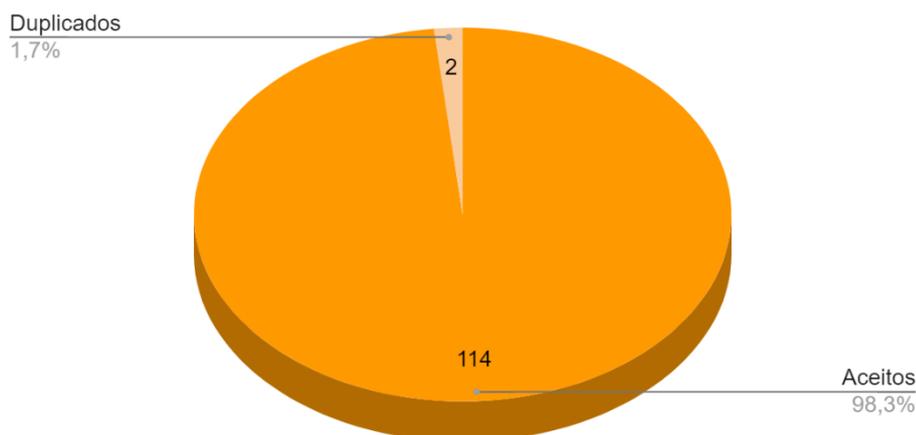
De acordo com a Tabela 3, foram identificados 1.227 artigos publicados em periódicos nacionais da área da Ciência da Informação, com destaque para as quatro primeiras, anotadas em azul, responsáveis por mais de 20% das ocorrências: Ciência da Informação (74), Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (74), Acervo - Revista do Arquivo Nacional (65), seguida da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (50), que, junto com nove seguintes, anotadas em verde, perfizeram mais de 50% do total de artigos recuperados.

Além disso, na BRAPCI também foram identificados 132 artigos de eventos, apresentados em: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (83), Congresso de Gestão Estratégica da Informação, Empreendedorismo e Inovação (24), Seminário Nacional de Gestão da Informação e do Conhecimento (14), e Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria (11).

A pré-análise na BRAPCI permitiu, portanto, identificar que, dentre os 1.359 documentos recuperados, 1.227 eram artigos de periódicos e 132 eram artigos de eventos.

Na busca realizada na BDTD recuperou-se 116 documentos. Nesse conjunto, identificou-se também registros duplicados, conforme mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Documentos duplicados e aceitos identificados na BDTD



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 3 revela que, dentre os 116 documentos recuperados, 2 documentos (1,7%) eram duplicados e o restante, 114 (98,3%), foram aceitos para a pré-análise. Um dos documentos duplicados foi depositado na BDTD tanto pela UFRJ quanto pelo IBICT; acredita-se que isso tenha ocorrido pelo fato de o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação ser ofertado conjuntamente pelas instituições; o outro registro duplicado, foi depositado pela UFPB, e não foi possível inferir o motivo pelo qual isso ocorreu.

Tabela 4 – Identificação quantitativa de teses e dissertações recuperadas na BDTD, por instituições

Instituições	Teses	Dissertações	Ocorrências
USP	6	17	23
UFPB	2	19	21
IBICT	8	12	20
UFBA	6	10	16
UFPE	0	11	11
UFPE	0	8	8
PUCCAMP	0	4	4
UFRN	0	3	3
UFS	0	3	3
UFMG	1	1	2
UFSCAR	0	2	2
UFPA	0	1	1
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>91</b>	<b>114</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 4 mostra que, dentre as 114 pesquisas que foram recuperadas na BDTD, desenvolvidas nos programas de pós-graduação na área de Ciência da Informação, mais de 20% foram desenvolvidas na USP. Essa análise preliminar, porém, não reflete que tais documentos tratem do objeto desta pesquisa: a mulher preta na Ciência da Informação, mas que foram contemplados tais registros por conterem as palavras nos campos determinados no protocolo de pesquisa.

Desse modo, nesta fase de pré-análise foram aceitos 1.473 documentos, sendo 1.227 artigos de periódicos, 132 artigos de eventos, 23 teses e 91 dissertações. Esta foi a massa documental considerada para o desenvolvimento da próxima fase: exploração do material.

### **3.3 A exploração do material**

A fase de exploração do material coletado, consistiu na identificação dos assuntos da massa documental, fase que tem por finalidade a categorização ou codificação no estudo.

Nesta fase, em decorrência da avaliação analítica, verificou-se os assuntos mais recorrentes para que fosse possível estabelecer categorias para agrupar os documentos, posto que se recorreu à análise categorial para o agrupamento das unidades de registro de texto.

Assim, foram consideradas as ocorrências de palavras-chave e/ou termos como estratégia no processo de codificação dos assuntos de cada documento, para, posteriormente, definir as categorias de análise.

Os assuntos foram analisados quanto às seguintes categorias: Comunidade Quilombola, Cultura Afro-Brasileira, Empoderamento feminino, Feminismo Negro, Identidade Negra, Informação étnico-racial, Protagonismo da mulher preta, Religião de matriz africana e Representação da mulher negra.

Tendo sido definidas as categorias a serem adotadas na avaliação do *corpus* de análise, a seção seguinte apresenta a interpretação dos dados e a proposição de análise reflexiva sobre o que se identificou.

## 4 A MULHER PRETA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Esta seção trata de descrever e analisar as pesquisas da Ciência da Informação que tratam da temática mulher preta. A primeira subseção apresenta uma análise quantitativa e, a segunda, qualitativa.

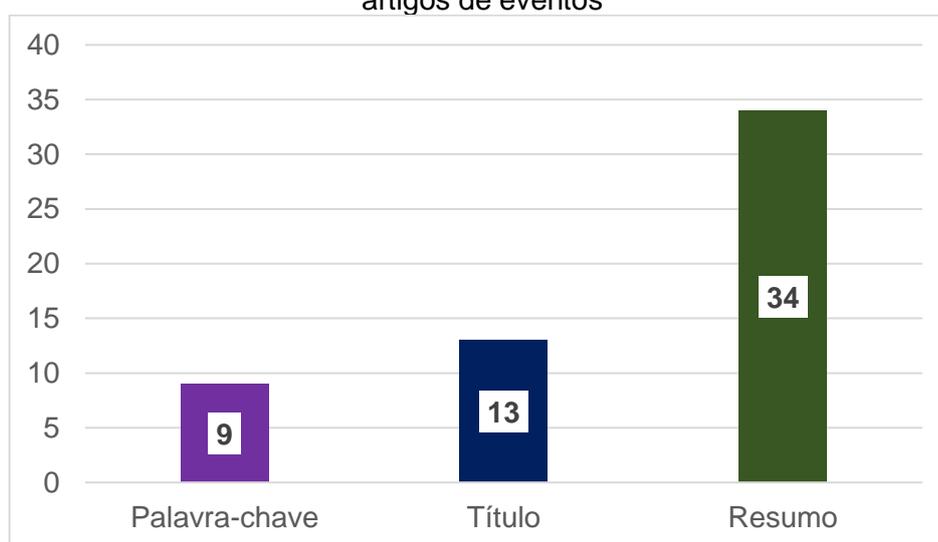
### 4.1 Análise quantitativa

Apresenta-se a referida análise a partir de indicadores que permitiram a avaliação do corpus de análise em relação ao que tem sido publicado, por quem, quando e em quais periódicos, sintetizados em gráficos, tabelas e quadros.

A massa documental aceita para a composição do corpus de análise foi de 1.473 documentos, avaliados em dois grupos: o primeiro, que consistiu de artigos de periódicos e de artigos de eventos, e o segundo, composto por teses e dissertações. Todos os documentos, porém, foram analisados com vistas a identificar estudos que tratassem da mulher preta, a partir dos dados registrados nas palavras-chave, título e resumo.

O primeiro grupo analisado permitiu a identificação de 56 documentos, conforme apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Identificação da fase de seleção de corpus de análise de artigos de periódicos e artigos de eventos



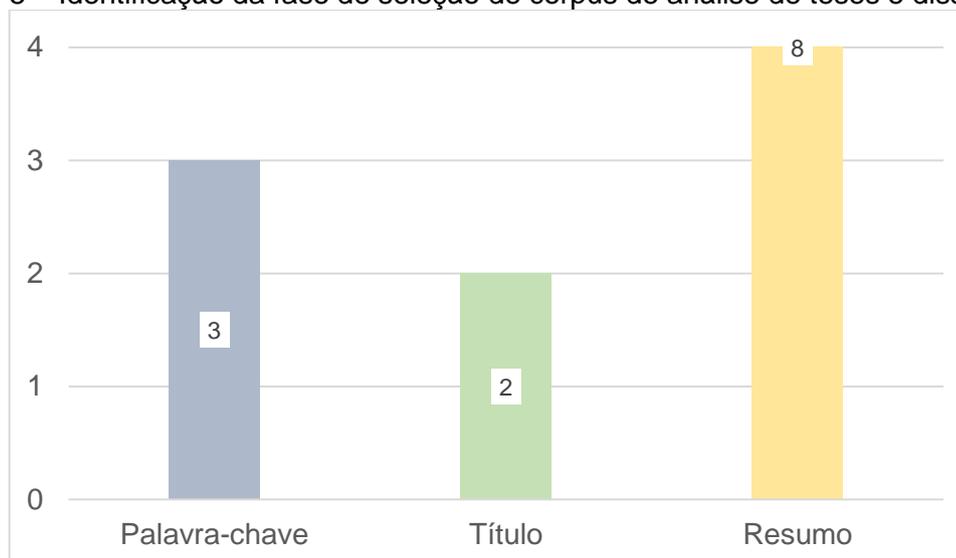
Fonte: Dados da pesquisa.

É possível identificar no Gráfico 4 que, dentre os 56 artigos com temática atinente à mulher preta, 34 (60%) deles exigiram a leitura das palavras-chave, do título e do resumo para a identificação de sua pertinência ao tema. Por outro lado, em 13 (23%) documentos essa identificação foi possível somente com a leitura do título e

das palavras-chave, e, em nove (16%) deles somente com a leitura das palavras-chave. Isso demonstra a relevância dos processos de organização e representação da informação quanto à visibilidade ou o apagamento de pesquisas a partir de atividades de busca e recuperação de documentos. O processo de representação do tema de pesquisas por meio de palavras-chave mostrou-se fundamental para a ampliação da visibilidade de pesquisas; nota-se que somente 16% do material foi possível de ser identificado a partir desse critério de seleção. Isso reafirma que a descrição de assunto é um grande desafio para os profissionais e, em casos de definição de palavras-chave pelo próprio autor, o quanto é necessário avaliar o tema mais representativo de sua pesquisa.

O segundo grupo de documentos analisados permitiu a identificação de 13 pesquisas de pós-graduação, conforme apresentado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Identificação da fase de seleção de corpus de análise de teses e dissertações



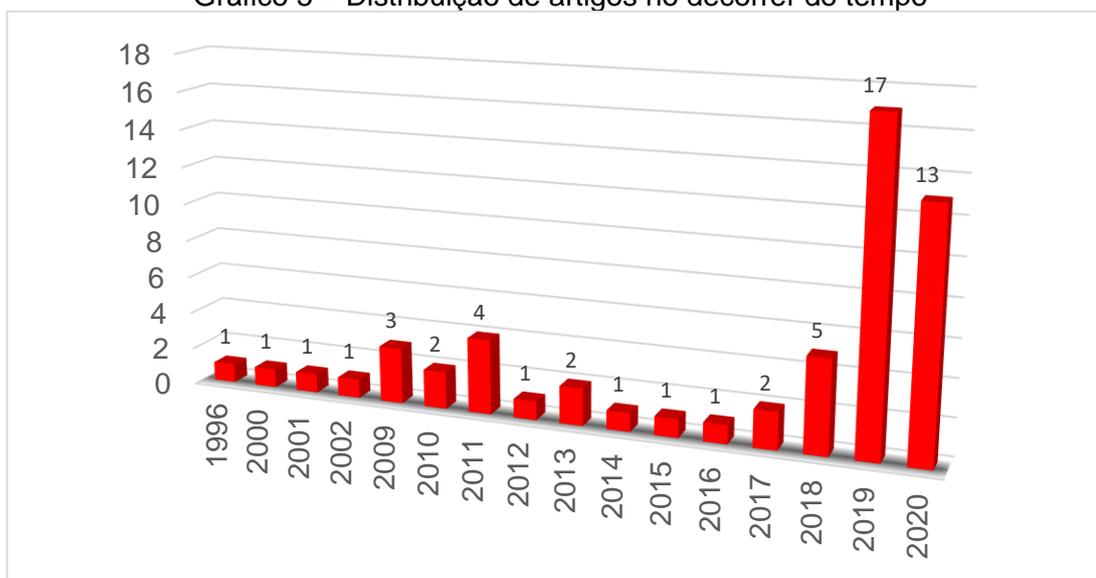
Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 5, foi possível identificar, na avaliação dos documentos, que a temática da mulher preta esteve presente em 13 documentos, dos quais três (23%) foram identificados somente a partir das palavras-chave, dois (15%) pela leitura também do título e oito (61%) exigiram a leitura tanto das palavras-chave e do título quanto do resumo. Nesta análise foi possível observar que, ao contrário do que ocorreu com os artigos, as palavras-chave permitiram identificar prontamente a atenção ao assunto em 23% dos documentos aceitos, e que o título expressou a temática somente em 15% dos casos. Isso pode ser resultado do fato da objetividade exigida quanto ao título dos artigos científicos e da maior flexibilidade na definição de

palavras-chave em teses e dissertações, visto que parte de publicações periódicas indicam um determinado vocabulário a ser usado.

Em relação ao desenvolvimento de pesquisas no decorrer do tempo é possível observar, no Gráfico 6, que o primeiro artigo publicado sobre o tema ocorreu em 1996, tendo seu ápice em 2019.

Gráfico 5 – Distribuição de artigos no decorrer do tempo



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 6 apresenta as datas das publicações que fazem referência à temática desta pesquisa, a mulher preta, cuja primeira ocorrência aconteceu em 1996, revelando o início do seu aparecimento na Ciência da Informação. A partir de 2009, nota-se o início da frequência de estudos sobre o tema ao longo dos anos. Verifica-se que no intervalo entre 2014 e 2016 as publicações mantêm certa estabilidade, com novo crescente em 2017 e 2018, atingindo seu auge em 2019, ano com o maior número de publicações.

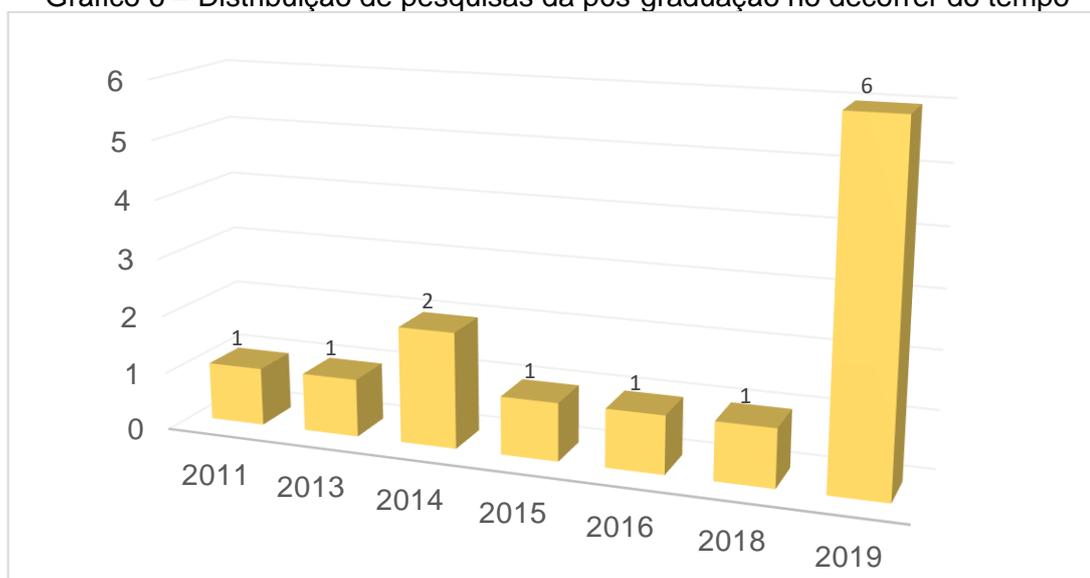
Ressalta-se que o número de publicações sobre a temática mulher preta, até o ano de 2009, foi pouco expressivo. Esses números revelam a tímida participação das mulheres pretas na sociedade brasileira na literatura da Ciência da Informação, apesar de, nesse período, acontecimentos de destaque terem ocorrido:

- em 1988, a Constituição Federal configura-se como marco importante na transição do regime militar (1964-1985) para o regime democrático, cujo Plano Internacional de proteção dos Direitos Humanos está voltado para a eliminação da discriminação e para assegurar a igualdade entre homens e mulheres (NATALINO; ANDRADE; DUARTE; CASTRO, 2009);

- em 1994, o Brasil torna-se signatário da Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, também conhecida por “Convenção de Belém do Pará”, que marca a definição do termo “violência contra a mulher” e a substituição do termo “mulher” por “gênero” (BRASIL, 2012b);
- em 1995, foi criado um Grupo de Trabalho Interministerial de Valorização da População Negra, interligado ao Ministério da Justiça, com o objetivo de promover ações e políticas que valorizassem, através da elaboração de políticas de ação afirmativa, a população negra (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, [2008?]);
- em 2001, pela aprovação da Lei nº 3.708/2001 (RIO DE JANEIRO, 2001), que determina a destinação de 40% das vagas do ensino superior estadual a candidatos pardos e negros no acesso à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e à Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF);
- em 2002, na Conferência Nacional de Mulheres, em Brasília, na qual, segundo relata Alves (2015), é possível perceber a diversidade de mulheres que participaram: mulheres negras, indígenas, brancas, lésbicas, urbanas, rurais, quilombolas, jovens, entre outras.

Quanto às pesquisas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação, nota-se, no Gráfico 7, que em 2019 concentram-se a maior quantidade delas.

Gráfico 6 – Distribuição de pesquisas da pós-graduação no decorrer do tempo



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 7 apresenta datas das publicações sobre a temática mulher preta que tem, em 2011, o início da temática nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. A partir de 2014, nota-se aumento dos estudos e das publicações, tendo sido mantida certa estabilidade nos anos de 2015, 2016 e 2018 e atingiu, em 2019, o maior número de teses e dissertações defendidas.

Convém ressaltar que o número de publicações até 2011 foi muito reduzido, apesar de fatos marcantes:

- em 2010, foi criada a ONU Mulheres, pela qual o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para Mulheres (UNIFEM) é responsável por fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres, promovendo o fortalecimento de movimentos feministas e de mulheres, como mulheres pretas, indígenas, trabalhadoras rurais, adolescentes (ONU MULHERES BRASIL, [2010?]);
- em 2011, é publicado o Dossiê *Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, cujo objetivo foi analisar o contexto em que as mulheres negras estavam inseridas na sociedade brasileira no âmbito Educacional, no Mercado de Trabalho, no que diz respeito ao Acesso a Tecnologias Digitais, no panorama Econômico e em relação às Situações de Violência (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2013);
- em 2012, a Lei nº 12.711 (BRASIL, 2012a), intitulada Lei de Cotas, decreta o sistema de reserva de vagas nas Instituições Federais de todo o país, cujo objetivo era destinar, até 2016, metade das vagas para alunos de escola pública, sendo respeitados, os critérios sociais e raciais;
- em 2017, com a aprovação da Lei nº 5.146/2010, que define o Dia Municipal de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, no qual inclui feriado na cidade de Rio de Janeiro, no dia 25 de julho – projeto de Lei de autoria da Vereadora Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018;
- em 2019, houve a criação do Selo Nyota, com a missão de publicar livros de mulheres, de pessoas negras, indígenas e LGBTQIA+ e trabalhos

resultantes de pesquisas científicas e experiências profissionais nas áreas de Biblioteconomia, Arquivologia, Comunicação, Museologia e Ciência da Informação (NYOTA, [2018?]).

Os dados apresentados mostram uma importante mobilidade das mulheres, sobretudo no espaço acadêmico, com importantes conquistas. Não obstante, nota-se a difícil trajetória das mulheres pretas para superar os efeitos das desigualdades raciais e de gênero em nossa sociedade os dados desta pesquisa revelam que essas discussões e preocupações só foram conduzidas nas publicações científicas da Ciência da Informação, a partir de 2009, com maior expressão a partir de 2017. Vários fatores podem ter contribuído para a invisibilidade da temática, como a falta de incentivo científico, interesse institucional e do Estado e os reflexos do apagamento da história e da cultura afro-brasileira, que começam a ser inseridas nos currículos a partir de 2003 com a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) e que, provavelmente, teve um pequeno efeito. Os dados mostram aumento no número de publicações, mais expressivos a partir de 2017, o que pode ser um impacto positivo diante da publicação da lei das cotas, de 2012.

A Tabela 5, a seguir, apresenta os autores que mais publicaram artigos, quer seja em publicações periódicas ou em eventos.

Tabela 5 – Autores que mais publicaram artigos

<b>Nome</b>	<b>Ocorrências</b>
Mirian de Albuquerque Aquino	7
Leyde Klebia Rodrigues da Silva	6
Sérgio Rodrigues Santana	3
Jobson Francisco da Silva Júnior	3
Dulce Maria Baptista	2
Flávio dos Santos Gomes	2

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 5 apresenta os autores mais produtivos de artigos quanto à temática mulher negra. Como se pode observar, seis autores se destacam, dentre uma dispersão de 102 autores, dos quais a mais produtiva é Mirian de Albuquerque Aquino com sete publicações, seguida por Leyde Klebia Rodrigues da Silva, com seis. Na sequência temos Sérgio Rodrigues Santana e Jobson Francisco da Silva Júnior, ambos com três publicações, e Dulce Maria Baptista e Flávio dos Santos Gomes, ambos com duas. Os autores que possuem uma única publicação (96) não foram considerados para apresentação na tabela.

Tabela 6 – Periódicos nacionais que apresentam estudos sobre a mulher preta

<b>Periódicos</b>	<b>Ocorrências</b>
Acervo - Revista do Arquivo Nacional	8
Revista Folha de Rosto	7
Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde	5
Biblionline	4
Ágora	2
Em Questão	2
Informação & Informação	2
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	2
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2
AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento	1
Ciência da Informação	1
Comunicação & Informação	1
Convergência em Ciência da Informação	1
DataGramaZero	1
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	1
Inclusão Social	1
Informação em Pauta	1
Liinc em revista	1
Logeion: filosofia da informação	1
Memória e Informação	1
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	1
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	1
Revista Bibliomar	1
Revista de Biblioteconomia de Brasília	1
Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som – Policromias	1
Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	1
<b>Total</b>	<b>51</b>

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 6, observa-se os periódicos que mais publicaram sobre a temática mulher preta na Ciência da Informação no Brasil são Acervo - Revista do Arquivo Nacional, com oito ocorrências, e a Revista Folha de Rosto, com sete publicações. Quanto aos artigos de eventos, foram identificados cinco, apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.

Com o intuito de identificar como os autores indicavam as palavras-chave em seus textos, quer sejam artigos de periódicos ou de eventos, obteve-se a Tabela 7, a seguir.

Tabela 7 – Palavras-chave mais frequentes nos artigos recuperados sobre a temática mulher preta no Brasil

Palavras-chave	Frequência
ciência da informação	10
mulhere negra <sup>12</sup>	5
análise do discurso	3
biblioteconomia	3
ciência social aplicada	3
memória	3
arquivologia	2
entidade representativa	2
fonte de informação	2
formação de opinião	2
história	2
patrimônio cultural	2
rede digital	2

Fonte: Dados da pesquisa.

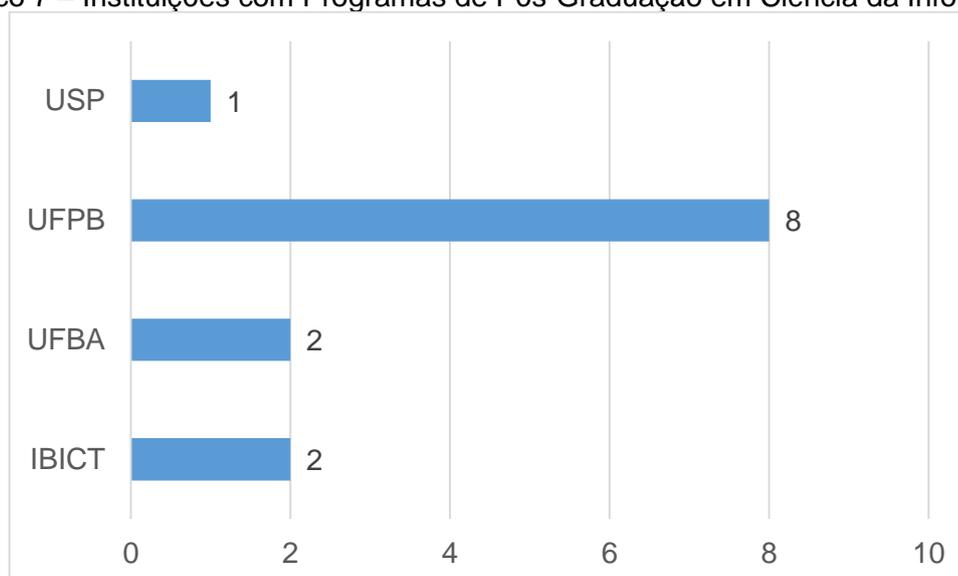
Como mostra a Tabela 7, acima, pode-se observar que a palavra-chave com maior incidência nas publicações é “Ciência da Informação” com total de dez vezes. Em seguida as palavras-chave “Mulhere Negra”, com cinco, “Análise do Discurso”, “Biblioteconomia”, “Ciência Social Aplicada” e “Memória”. com três; e, por fim, “Arquivologia”, “Entidade Representativa”, “Fonte de Informação”, “Formação de Opinião”, “História”, “Patrimônio Cultural” e “Rede Digital”, com duas ocorrências cada. As demais palavras-chave, que apareceram uma só vez, não foram consideradas para a elaboração da tabela.

A palavra-chave que está diretamente ligada ao protocolo de pesquisa acerca da temática mulher preta na literatura brasileira da Ciência da Informação é: “Mulhere Negra”. Além disso, outras palavras-chave, com abordagem tangencial, são: “Ciência da Informação”, “Entidade Representativa”, “História”, “Análise do Discurso”, “Patrimônio Cultural”, “Rede Digital”, “Formação de Opinião”, “Fonte de Informação”, “Arquivologia”, “Memória”, “Ciência Social Aplicada” e “Biblioteconomia”.

Quanto às instituições em que ocorreram o desenvolvimento de pesquisas em nível de pós-graduação, identificou-se, no Gráfico 8, que a UFPB se destaca, com 61% dos estudos. Isso, se contrapõe, de certo modo, à quantidade de documentos recuperados, visto que a USP se destacava nesse quesito (cf. Tabela 4).

<sup>12</sup> A palavra “Mulhere Preta” foi transcrita conforme constava na base de dados BRAPCI.

Gráfico 7 – Instituições com Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto aos autores das pesquisas desenvolvidas na pós-graduação, nota-se, no Quadro 2, que a UFPB contribuiu tanto para as pesquisas de mestrado quanto de doutorado.

Quadro 2 – Autores que desenvolveram pesquisas de pós-graduação

<b>Autores</b>	<b>Instituição</b>	<b>Nível</b>
Ana Lúcia Tavares de Oliveira	UFPB	Mestrado
Cleyciane Cássia Moreira Pereira	UFPB	Mestrado
Cleyciane Cássia Moreira Pereira	UFBA	Doutorado
Daniella Alves de Melo	UFPB	Mestrado
Erinaldo Dias Valério	IBICT	Doutorado
Jobson Francisco da Silva Júnior	UFPB	Mestrado
Jobson Francisco da Silva Júnior	IBICT	Doutorado
Leyde Klebia Rodrigues da Silva	UFPB	Mestrado
Maria Antônia de Sousa	UFPB	Mestrado
Sergio Rodrigues de Santana	UFPB	Mestrado
Thais Helen do Nascimento Santos	UFPB	Mestrado
Thais Pereira da Silva	USP	Mestrado
Vanessa Jamile Santana dos Reis	UFBA	Mestrado

Fonte: Dados da pesquisa.

Destacam-se, no Quadro 2, que Cleyciane Cássia Moreira Pereira e Jobson Francisco da Silva Júnior realizaram estudos sobre a temática tanto no mestrado, realizado na UFPB, quanto no doutorado, no IBICT.

Em se tratando de contribuidores para o desenvolvimento das pesquisas, o Gráfico 9 mostra a distribuição quanto a isso.

Gráfico 8 – Frequência de orientadores das dissertações e teses



Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 9 apresenta os orientadores de pesquisas identificadas com a temática da mulher preta. Nota-se que, novamente, o destaque entre os contribuidores é de Mirian de Albuquerque Aquino, à frente de quatro produtos de pesquisas de mestrado; a pesquisadora foi orientadora dos trabalhos intitulados: “Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua”, (PEREIRA, 2011), “Fontes iconográficas e memória afrocêntrica: análise da informação étnico-racial a partir do ensaio fotográfico Engenhos e Senzalas” (SANTOS, T., 2013), “A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk” (SILVA JÚNIOR, 2014) e, junto com Edvaldo Carvalho Alves, como coorientador, orientou a pesquisa “Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba” (SILVA JÚNIOR, 2014). A pesquisa “Informação Étnico-Racial: uma proposta de glossário sob a égide da Semântica Discursiva (SOUSA, 2015), foi orientada por Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque, e, a pesquisa “Informação étnico-racial no âmbito dos programas de pós-graduação em Psicologia” (SANTANA, 2016), foi orientada por Henry Poncio Cruz de Oliveira. Sob a orientação de Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira, foi desenvolvido o estudo “Necessidades Informacionais das mulheres da comunidade quilombola de Itamatatua – Maranhão” (PEREIRA, 2018). Edvaldo Carvalho Alves, orientou, com coorientação de Felipe Sá Brasileiro, o trabalho “Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação: um estudo na Bamidelê Organização de Mulheres Negras da Paraíba” (MELO, 2019). José Carlos Sales dos Santos, por sua vez, orientou o

desenvolvimento do trabalho “A Invisibilidade do Feminismo Negro nos Instrumentos de Representação do Conhecimento: Uma Abordagem de Representatividade Social” (REIS, 2019). Marco André Feldman Schneider orientou a pesquisa “Identidade negra e mediações da informação (étnico-racial) em blogs de funk” (SILVA JÚNIOR, 2019). “Produção de conhecimento e circulação da informação na formulação de políticas públicas: o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra (CDCN) do Estado da Bahia” (VALÉRIO, 2019), foi orientado por Regina Maria Marteleto. Izabel França de Lima, orientou “Cultura de matriz Afro-brasileira: um estudo à luz da história de vida de Vó Mera mestra da cultura popular de João Pessoa-Paraíba” (OLIVEIRA, A., 2019). “Construções identitárias & TICs: o caso do blog “Blogueiras Negras” (SILVA, T., 2019), orientado por Marco Antonio de Almeida.

A Tabela 8 apresenta as palavras-chave mais frequentes utilizadas nas teses e dissertações.

Tabela 8 – Palavras-chave mais frequentes nas teses e dissertações sobre a temática mulher preta no Brasil

Palavras-chave	Frequência
Ciência da Informação	6
informação étnico racial	4
feminismo negro	2
bamidelê	2
identidade negra	2

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se, na Tabela 8, maior incidência da palavra-chave “Ciência da Informação”, utilizada seis vezes, seguida de “Informação Étnico Racial”, quatro vezes, e “Feminismo Negro”, “Bamidelê” e “Identidade Negra”, com duas ocorrências cada. As demais palavras-chave, que apareceram uma só vez, não foram consideradas para apresentação na tabela.

As palavras-chave que estão diretamente ligadas à essência desta pesquisa são: “Feminismo Negro”, “Bamidelê” e “Identidade Negra”. Outras palavras-chave, com aspecto tangencial à pesquisa, são: “Ciência da Informação” e “Informação Étnico Racial”.

Tendo sido apresentados aspectos quantitativos identificados no corpus de análise, a subseção seguinte apresenta a descrição analítica, com enfoque qualitativo.

## 4.2 Análise qualitativa

A partir da definição das categorias a serem adotadas na análise de conteúdo, é possível notar, na Figura 4, os principais assuntos relacionados aos estudos da mulher preta na Ciência da Informação.

Figura 4 – Assuntos relacionados aos estudos da mulher preta na Ciência da Informação



Fonte: Elaborado pela autora.

Na Figura 4 apresentam-se as categorias em que os estudos sobre a mulher preta foram analisados nesta pesquisa, tanto de artigos de periódicos e de eventos, quanto de teses e dissertações.

Deste modo, a análise será apresentada a partir das categorias com temática mais recorrente, a saber: Informação étnico-racial, Protagonismo da mulher preta, Cultura afro-brasileira, Feminismo negro, Identidade negra, Representação da mulher negra, Religião de matriz africana, Comunidade Quilombola e Empoderamento feminino.

Quanto à categoria *Informação étnico-racial* teve o maior número de ocorrências, totalizando 16 documentos. De modo geral, a categoria apresenta trabalhos que investigaram a temática mulher preta no contexto da responsabilidade ética e social, produção do conhecimento, memória, movimentos sociais, arquitetura da informação, tesouro, disseminação da informação, ensino superior, saúde. Os estudos identificados são: “A responsabilidade social e ética e a inclusão de afrodescendentes em discursos de profissionais da informação em universidade pública”, de Santana e Aquino (2009); “Dissonâncias e assimetrias na produção de conhecimento na UFPB: (in)visibilidade de temas sobre negros(as)”, de Aquino, Santana, Silva e Silva Júnior (2010); “Retirando a pele da memória: a produção de conhecimento sobre negros(as) (in)visibilizada em anais de iniciação

científica na UFPB”, de Aquino, Silva, Silva Júnior e Santana (2011); “Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará”, de Elliott e Aquino (2011); “Fontes iconográficas e memória afrocêntrica: análise da informação étnico-racial a partir do ensaio fotográfico Engenhos e Senzalas”, de Santos, T. (2013); “Gêneros digitais: expandindo a comunicação no Movimento Negro da Paraíba”, de Aquino, Silva Júnior e Silva (2014); “Informação étnico-racial: uma proposta de glossário sob a égide da Semântica Discursiva”, de Sousa (2015); “Informação étnico-racial no âmbito dos programas de pós-graduação em Psicologia”, de Santana (2016); “Arquitetura da informação no website Geledés: a mulher negra em foco”, de Araújo, Bezerra e Oliveira (2018); “Tensão identitária e organização do conhecimento: olhar epistemográfico”, de Moraes (2018); “Grupos de Pesquisa sobre relações raciais no Diretório do CNPq”, de Carmo e Silva (2019); “Análise da disseminação de informações étnico-raciais no Portal Geledés”, de Costa, F. (2019); “Qual a cor da Biblio?”, de Müller, Gomes, Estrela e Silva (2019); “A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na BDTD”, de Silva, Alves, Lima, Garcez, Silva e Febrier (2019); “Produção de conhecimento e circulação da informação na formulação de políticas públicas: o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra (CDCN) do Estado da Bahia”, de Valério (2019); “O quesito cor/raça: desafios dos indicadores raciais de mortalidade materna como subsídio ao planejamento de políticas públicas em saúde”, de Carvalho e Meirinho (2020).

Em seguida, identificou-se a categoria *Protagonismo da mulher preta*, que reúne 11 ocorrências, representada por documentos que destacam estudos da memória e de análise do discurso que envolvem mulheres negras como Angela Relim, Delfina Lazara Mateus, Ruth Guimarães Botelho e Dolores Duran, Beyonce, Sá Rainha Dona Marta, Tia Marcelina; são mulheres negras que se destacaram na enfermagem, na biblioteconomia, na música popular brasileira, na literatura, em manifestações culturais e na tecnologia da informação e comunicação. A categoria abrange os documentos: “Dando voz à memória: um projeto de história oral na ISCMPA”, de Leal (1996); “Manifestações culturais e história de vida de uma paraibana e compositora de ciranda e coco de roda”, de Oliveira e Lima (2018); “*Homecoming*”, de Lustosa, Amadeu e Silva (2019); “A ‘Maria da ilha’ entre documentos e memória: reflexões sobre os arquivos da Deputada Estadual Antonieta de Barros (1901-1952)”, de Pasa e Karpinski (2019); “Entrevista com a bibliotecária e

professora moçambicana Delfina Lázaro Mateus”, de Sena (2019); “Construções identitárias & TICs: o caso do blog ‘Blogueiras Negras’”, de Silva, T. (2019); “Tia Marcelina, a negra da costa, e as memórias do Quebra de Xangô de Alagoas”, de Almeida e Silveira (2020); “Ruth Guimarães: uma romancista negra na imprensa brasileira dos anos 1940”, de D’Onofrio (2020); “Diversidade e gestão: análise na perspectiva de gênero e raça no Brasil”, de Ferreira, Oliveira, Nunes e Castro (2020); “Ressonâncias da fossa à Bossa Nova de Dolores Duran e Antônio Carlos Jobim”, de Lima, P. (2020); e “História e memória das resistências negras na Bahia a partir do Acervo Nivalda Costa”, de Souza e Borges (2020).

A respeito da categoria *Cultura afro-brasileira* foram identificados dez documentos, inclusive voltados a estudos de necessidades de informação, produção do conhecimento e tesouro. Essa categoria aborda a mulher negra no contexto da prática da capoeira e nas tradições do casamento africano, no contexto da memória e na produção do conhecimento. Os documentos são: “A busca da informação por parte de entidades representativas enquanto formadoras de opinião: um problema gerencial”, de Baptista (2000); “A busca da informação por parte de entidades representativas”, de Baptista (2001); “Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua”, de Pereira (2011); “As Escravas da Mãe de Deus? ou uma etno-história através de imagens e sons”, de Silva, J. (2011); “Produção de conhecimento sobre negros e negras em repositório digital na UFPB: acesso/democratização”, de Aquino, Silva, Severo, Santana e Oliveira (2013); “Necessidades informacionais das mulheres da comunidade quilombola de Itamatatua – Maranhão”, de Pereira (2018); “Mulheres negras não foram feitas para carregar livros: tensionamento e resposta social em rede na Feira Pan-Amazônica do livro no Pará”, de Brito, Esteves e Ventura (2019); “Um corpo que fala”, de Gomes, E. (2019); “Representação terminológica da população negra em tesouros”, de Santos, Costa, Barros e Vital (2020); “Fazendo gênero na plantation: notas sobre casamentos de africanos, em Cuba e no Brasil, nos séculos XVIII e XIX”, de Viana e Gomes (2020).

Em seguida são apresentados os oito documentos que compõem a categoria *Feminismo negro*, inclusive com ênfase em análise do discurso, movimentos sociais, política e tecnologias de informação e comunicação. Nesse grupo a mulher negra é colocada no centro do poder, que dialoga com o aparecimento do feminismo negro no Brasil e com os avanços das mulheres pretas na organização política e, no contexto

das práticas informacionais utilizadas por feministas negras da organização Bamidelê, na construção de competências críticas da informação. Os documentos identificados são: “Feminismo negro: mulheres negras e poder: um enfoque contra-hegemônico sobre gênero”, de Felipe (2009); “Práticas Informacionais das mulheres negras”, de Melo, Alves e Brasileiro (2019); “A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma abordagem de representatividade social”, de Reis (2019); “O feminismo negro no contexto da representação do conhecimento: abordagens da representatividade social”, de Reis e Santos (2019); “Histórias paralelas, histórias fragmentadas”, de Vaz (2019); “Autonomia e solidariedade no movimento de mulheres negras no Brasil na década de 1980”, de Machado (2020); “Análise discursiva da posição sujeito das mulheres negras militantes reverberada pelo discurso de Sojourner Truth”, de Santos e Azevedo (2020); “Coletivos ciberfeministas como fonte de informação”, de Woida (2020).

A categoria *Identidade negra*, reúne seis ocorrências, inclusive que abordam saúde e tecnologias de informação e comunicação: Os trabalhos são: “A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk”, de Silva Júnior (2014); “TICS: resistência das mulheres negras”, de Silva, T. (2017); “Identidade negra e mediações da informação (étnico-racial) em blogs de funk”, de Silva Júnior (2019); “A (in)visibilidade da mulher negra youtuber”, de Viana e Carrera (2019); “Mulheres negras e o comum: memória, redes sociais e táticas cotidianas”, de Santana e Almeida (2017); “*Las africanas de la fragata Dos Hermanos en Cuba: madres, después de esclavas (1817-183)*”, de Díaz e Fuentes (2020). Os documentos desta categoria apresentam aspectos de fortalecimento da identidade negra na apropriação de tecnologias de informação e comunicação pelas mulheres negras brasileiras como estratégias contra o racismo, o sexismo, a exploração de classes e demais opressões sofridas por elas, além de contribuir para a discussão da necessidade de se construir uma identidade negra, por meio de processos de mediação em blogs de funk.

A categoria *Representação da mulher preta* também contabiliza seis ocorrências e reúne documentos que tratam, inclusive, de memória, representação da informação e saúde; dentre os documentos estão: ““Dizem as Quitandeiras...”: ocupações urbanas e identidades étnicas em uma cidade escravista: Rio de Janeiro, século XIX”, de Soares e Gomes (2002); “Informação identificatória, memória institucional e conhecimento: Isabel Jacintha da Silva, de cativa à prisioneira na Casa

de Correção da Corte”, de Thiesen (2009); “A representação da mulher de periferia no cinema brasileiro”, de Souza e Fernández (2011); “Telenovela e discurso como mudança social na análise da personagem Maria da Penha em Cheias de Charme”, de Mauro e Trindade (2012); “Da representação ao monitoramento: a criação de uma ontologia do discurso de ódio online brasileiro”, de Silva e Botelho-Francisco (2018); “Racismo, eugenia e doença falciforme: o caso de um programa de triagem populacional”, de Silva, Mota e Bomfim (2020). Nesta categoria os documentos a mulher preta enquanto mulher preta na mídia, periférica, no âmbito do trabalho, em discursos racistas e no sistema prisional, o que permite verificar que a imagem da mulher preta ainda está ligada aos espaços de servidão e a estereótipos advindos do período colonial.

A categoria que apresenta cinco ocorrências, na qual os documentos correspondem à *Religião de matriz africana*, são: “Clara Nunes: o canto como missão”, de Brügger (2010); “Cultos afro-brasileiros na Paraíba: memória em construção”, de Lima (2015); “Sacrifício ritual nas religiões afro-brasileiras: reflexões sobre patrimonialização, memória e anarquivamento”, de Britto e Lima (2019); “Um estudo das cores no baião de princesas da Casa Fanti-Ashanti em São Luís do Maranhão”, de Marques e Rocha (2019); “Cultura de matriz afro-brasileira: um estudo à luz da história de vida de Vó Mera mestra da cultura popular de João Pessoa-Paraíba”, Oliveira, A. (2019). Em relação à temática das religiosidades de matriz africana é possível observar as manifestações culturais da religião de matriz africana na construção da memória patrimonial. Além do destaque a perspectiva histórica e memorialística das religiões afro-brasileiras e afro-ameríndias como Jurema, Umbanda e Candomblé. Englobando o universo dos rituais, descrevendo os sacrifícios de animais como um lugar de memória. Estudando as cores das roupas usadas pelas filhas de santo e na decoração do terreiro no ritual.

A categoria *Comunidade quilombola* apresenta quatro documentos, dentre os quais os que abordam disseminação da informação e memória; são eles: “Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba”, de Silva e Aquino (2013); “Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba”, de Silva, L. (2014); “Museu dos quilombos e favelas urbanos, igreja das santas pretas e guarda de congo da Vila Estrela: o encontro pela Sá Rainha Dona Marta”, de Coan e Silva (2019); “Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação: um

estudo na Bamidelê Organização de Mulheres Negras da Paraíba”, de Melo (2019). Os documentos deste agrupamento analisam os mitos da cultura africana como movimentos de informação e preservação da memória da comunidade quilombola, assim como apresentam a forma de organização de feministas negras, no combate ao racismo e ao sexismo, visando a equidade de gênero na perspectiva étnico-racial.

A última categoria, identificada como *Empoderamento feminino*, reúne três documentos: “Empoderamento das mulheres quilombolas: contribuições das práticas mediacionais desenvolvidas na Ciência da Informação”, de Pereira, Santos e Barreira (2016); “O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres”, de Sardenberg (2018); “Mulheres e lugar de fala: caminhos percorridos”, de Oliveira, Oliveira, Cortês e Silva (2019). Nestes trabalhos a mediação da informação é vista como caminho do empoderamento das mulheres quilombolas e como um elemento facilitador da inclusão social. A informação se enquadra como um fenômeno social, que permite entender o lugar de fala das mulheres.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer que o Brasil é um país racista compreende entender o racismo além da questão individual. O principal ponto a ser discutido refere-se ao fato de que o racismo estrutura nossa sociedade e como está presente em todas as relações sociais. O apagamento de referências africanas é uma das estratégias racistas presentes nos mecanismos estruturais em nossa sociedade; é por meio dele que se articula a rejeição em tornar protagonista o conhecimento da história e da memória das pessoas negras na sociedade brasileira.

As questões a respeito do apagamento do saber africano possibilitaram contextualizar a importância da sua contribuição para a formação da identidade negra e da cultura do povo brasileiro por meio do levantamento bibliográfico e, assim, pôde-se ampliar a compreensão de elementos dos movimentos sociais de pessoas pretas.

As realidades das mulheres pretas, no que se refere às experiências de gênero, são diferentes das realidades das mulheres brancas. A mulher preta vivencia seu gênero atravessado pela questão racial diferente da mulher branca. Cabe visibilizar essas experiências para que a realidade de uma não seja considerada em detrimento de outras, pois não configuram uma unidade cujas vivências e experiências possam ser unificadas. Categorizar mulheres pretas e mulheres brancas em um único conjunto pode afetar a compreensão do que é ser mulher na sociedade atual e invisibiliza a realidade da singularidade da mulher preta que sofre, além das opressões causadas pelo gênero, resultantes do sexismo e do patriarcado, também a discriminação pela cor.

Ao pensar as opressões e desigualdades de mulheres pretas nos espaços de produção acadêmica, especificamente sob o prisma da Ciência da Informação, esta pesquisa direciona seu olhar para a forma como está sendo estudada a subjetividade dessas mulheres. Desse modo, foi possível responder à questão proposta inicialmente por meio do mapeamento de literatura, o que permitiu conhecer os estudos sobre mulheres pretas desenvolvidos na Ciência da Informação, a partir de levantamento realizado nas bases de dados BRAPCI, que inclui artigos de periódicos e artigos de eventos, e BDTD, com dissertações e teses.

O mapeamento da literatura reuniu um montante de 69 estudos dedicados à mulher preta, publicados entre 1996 e 2020, com grandes intervalos de tempo entre elas e que podem ter tido influência de acontecimentos políticos na sociedade brasileira, incluindo as lutas do movimento negro. Esse mapeamento apresenta a

movimentação de interesses sobre o tema por meio das publicações científicas. Por outro lado, a análise das palavras-chave demonstrou que a representação da temática ainda é pouco usada, apresentando o termo “Mulhere Negra” em apenas cinco artigos de periódicos e sem, entretanto, terem sido identificados em teses e dissertações.

O número de teses e dissertações sobre a mulher preta ainda são incipientes, totalizando 10 estudos, tendo sua primeira pesquisa de mestrado realizada em 2011. Em relação às pesquisas de doutorado, o número é reduzido para apenas três, com a primeira tese apresentada em 2018. O inexpressivo número de pesquisas na pós-graduação na Ciência da Informação evidenciou a necessidade de estudos e pesquisas sobre o tema, uma vez que a Ciência da Informação pode contribuir para incluir no cenário científico as narrativas de pessoas pretas, delineando um melhor caminho para o acesso dessas informações.

Alguns fatores podem influenciar o baixo número de produções, dentre eles a questão cultural, na qual as pessoas pretas sempre terem que provar sua capacidade cognitiva do que pessoas brancas e não brancas. No panorama dos aspectos sociais, devido a problemas estruturais de nossa sociedade, pessoas pretas estão à mercê de terem que interromper os estudos ainda com pouca idade para poder trabalhar para complementar a renda de suas famílias, não chegando a concluir seus estudos ou concorrer a vagas nas universidades. No cenário das questões econômicas, pode-se analisar duas situações: a primeira delas é em relação à disparidade salarial entre pessoas brancas e pretas, e ao olhar para questão de gênero esse cenário ainda tem suas diferenças ao olhar para os salários dos homens pretos e das mulheres pretas. A segunda situação está conectada com a vida das pessoas pretas na pós-graduação, posto que muitos precisam de bolsas para custear suas despesas durante os estudos; aqueles que não conseguem, acabam dividindo a jornada da pesquisa com a jornada de trabalho, o que acaba restringindo o estudante de vivenciar a pesquisa por completo. Cabe acrescentar aqui os aspectos emocionais, das pessoas pretas que se propõem a estudar mais a fundo sobre o tema na pós-graduação, por mais que sua negritude tenha sido descoberta, o processo de pesquisa requer reviver feridas e investigar memórias que causam dor ao longo do processo, principalmente ao estudar a memória de nossos ancestrais.

Voltando a olhar para os resultados desta pesquisa, convém pensar na forma como os próprios autores atribuem as palavras-chave para a identificação de suas publicações, posto que se notou que alguns termos utilizados são genéricos e

dificultam a pronta recuperação de documentos que abordam a temática da mulher preta. Talvez em uma base de dados voltada para a informação étnico-racial isso não seria um problema, mas no contexto das bases de dados utilizadas, BRAPCI e BDTD, isso pode reforçar que a temática da mulher preta é de importância secundária.

Foram recuperados documentos que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, os quais abordaram questões sobre Informação étnico-racial, Protagonismo da mulher preta, Cultura afro-brasileira, Feminismo negro, Identidade negra, Representação da mulher negra, Religião de matriz africana, Comunidade Quilombola e Empoderamento feminino. Dentre aqueles voltados especificamente à mulher preta destacam-se os onze trabalhos sobre o Protagonismo da mulher preta, oito de Feminismo negro, seis sobre Identidade negra e outros seis sobre Representação da mulher negra, e somente três sobre o Empoderamento feminino. Trabalhos que abordam a mulher preta de modo tangencial foram identificados 16 estudos sobre Informação étnico-racial, 10 sobre Cultura afro-brasileira, cinco sobre Religião de matriz africana e quatro referentes à Comunidade Quilombola. Este mapeamento contribui para a identificação e discussão da temática na Ciência da Informação, em outras palavras, proporciona oportunidades de reflexões e discussões para a área.

Convém acrescentar a importância dos estudos que permitem resgatar a memória de pessoas pretas e que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, permitiram identificar a dificuldade de se encontrar registros sobre a história das mulheres que ganharam protagonismo na pesquisa, assim como demais histórias referentes ao povo preto.

A partir do entendimento sobre a relação entre o apagamento e a visibilidade de estudos sobre as mulheres pretas na Ciência da Informação, a pesquisa buscou reafirmar a importância de se adotarem metodologias e instrumentos para o tratamento da informação voltados para um olhar mais social e humanizado a fim de combater termos que reforçam estereótipos racistas, classistas e sexistas impostos na representação da mulher preta. Contudo, identificaram-se lacunas ao perceber a ausência de estudos que correspondam à realidade vivida pelas mulheres pretas e que os sistemas de organização e representação de informação estão sujeitos a construções a partir de uma visão particular, carregados de estereótipos, que podem favorecer tanto apagamento quanto visões distorcidas.

Nos últimos anos, o cenário apresentado foi mudando gradualmente, evidenciado pelo maior número de mulheres pretas nas universidades (cursando o ensino superior), na mídia (apresentando telejornais, propagandas) e nas publicações científicas. Apesar da conquista de vários direitos, de políticas públicas e do crescimento de publicações, ainda se depara fortemente com o preconceito, que revela a necessidade da superação das desigualdades sociais, raciais e de gênero.

Com vistas à importância dos estudos sobre a mulher preta na Ciência da Informação, a pesquisa pretendeu colaborar com a luta histórica contra o racismo, discriminação e opressões sofridas por esse grupo desde os tempos coloniais. Ao fazer emergir esse tema, ele é colocado em disputa no cenário científico, do contrário, estaria apagado e invisibilizado em meio ao conjunto de outras produções preponderantemente brancas e eurocêntricas.

Como perspectiva futura de pesquisa seria de grande valia entender o que motivou os pesquisadores identificados a desenvolverem suas pesquisas. O intuito é entender se as pesquisas foram motivadas por esses pesquisadores identificarem-se como pessoas pretas ou se existem outros fatores que resultaram nestas publicações ou em suas trajetórias acadêmicas.

Ainda é preciso discutir e aprofundar a discussão sobre as questões étnico-raciais na universidade para que sejam desconstruídos conceitos e ideologias arraigados que propagam o racismo, a discriminação e a desigualdade nesses espaços. A produção científica sobre a mulher preta na ciência ainda é muito pouco inexpressiva de acordo com os dados apresentados nesta pesquisa.

É com esse movimento de mudança que se deve fortalecer o desenvolvimento de estudos e pesquisas. Espera-se que, no cenário da Ciência da Informação, sejam abertas portas para novas linhas de pesquisas sobre questões étnico-raciais, mulheres pretas, feminismo negro, empoderamento feminino, combate ao racismo e ampliação dos espaços de fala considerando a cultura afro-brasileira.

## REFERÊNCIAS

- AFROCAETÉ. **Tia Marcelina**. 2 out. 2017. Disponível em: <https://coletivoafrocaete.blogspot.com/2017/02/ela-tinha-o-saber-o-carisma-e-voz-viva.html>. Acesso em: 28.mar.2021.
- ALMEIDA, A. D. S.; SILVEIRA, P. A. M. P. Tia Marcelina, a negra da costa, e as memórias do Quebra de xangô de alagoas. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 33 No 1, n. 1, p. 128-145, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/129469>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 18-40, jan. 2003.
- ALVES, M. V. O movimento da mulher negra brasileira: história, tendência e dilemas contemporâneos. **Portal Geledés**, [São Paulo], 2015. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/o-movimento-da-mulher-negra-brasileira-historia-tendencia-e-dilemas-contemporaneos/?gclid=CjwKCAiA65iBBhBEiwAW253WyJnQZDgdVTrCQVsK9IEti1PGQnaM\\_tpgQbbtLUk92uDof4mTafvMhoCr1oQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/o-movimento-da-mulher-negra-brasileira-historia-tendencia-e-dilemas-contemporaneos/?gclid=CjwKCAiA65iBBhBEiwAW253WyJnQZDgdVTrCQVsK9IEti1PGQnaM_tpgQbbtLUk92uDof4mTafvMhoCr1oQAvD_BwE). Acesso em: 21 mar. 2020.
- AQUINO, M. A. A inclusão afrodescendente na era da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 61-75, maio/ago. 2013. Disponível em: Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1638/pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- AQUINO, M. A.; SANTANA, S. R.; SILVA, L. K. R.; SILVA JÚNIOR, J. F. S. Dissonâncias e assimetrias na produção de conhecimento na ufpb: (in)visibilidade de temas sobre negros (as). **Biblionline**, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16838>>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- AQUINO, M. A.; SANTANA, V. A. Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação a memória dos negros. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 17-36, ago./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v6.n2.2013.1780>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1780>. Acesso em: 15 ago. 2020.
- AQUINO, M. A.; SILVA JÚNIOR, J. F. S.; SILVA, L. K. R. Gêneros digitais: expandindo a comunicação no movimento negro da paraíba. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 242-263, 2014. DOI: 10.20396/rdbci.v12i2.1613 Acesso em: 28 mar. 2021.
- AQUINO, M. A.; SILVA, L. K. R.; SEVERO, R. P.; SANTANA, S. R.; OLIVEIRA, T. F. C. Produção de conhecimento sobre negros e negras em repositório digital na ufpb: acesso/democratização. **Biblionline**, v. 9, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16706>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

AQUINO, M. A.; SILVA, L. K. R.; SILVA JÚNIOR, J. F. S.; SANTANA, S. R. Retirando a pele da memória: a produção de conhecimento sobre negros (as) (in) visibilizada em anais de iniciação científica na ufpb. **Biblionline**, v. 7, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16315>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

ARANTES, J. T. Livro publicado pela Edusp analisa exemplo de racismo na pintura. **Jornal da USP**, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/livro-publicado-pela-edusp-analisa-exemplo-de-racismo-na-pintura/>. Acesso em: 28.mar.2021.

ARAÚJO, A. R. S.; BEZERRA, M. G.; OLIVEIRA, H. P. C. Arquitetura da informação no website geledeés: a mulher negra em foco. **Informação em Pauta**, v. 3, n. 1, p. 97-112, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41006>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Imprensa negra é destaque no site do arquivo público**. São Paulo, 11 maio 2011. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/imprensa-negra-e-destaque-no-site-do-arquivo-publico>. Acesso em: 9 abr. 2019.

ASANTE, M. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. **Ensaios Filosóficos**, v. 14, p. 9-18, dez. 2016.

ASANTE, M. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.

BAPTISTA, D. M. A busca da informação por parte de entidades representativas enquanto formadoras de opinião: um problema gerencial. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 23-24, n. 4, 2000. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76001>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

BAPTISTA, Dulce Maria. A busca da informação por parte de entidades representativas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 2, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/20371>. Acesso em: 19 jul 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROSO, D.; GOMES, E.; VALÉRIO, E. D.; SILVA, F. C.; LIMA, G. S. (org.). **Epistemologias negras: relações raciais na biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora Ltda., 2019. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847aa3e40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847aa3e40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf). Acesso em: 17 ago. 2020.

BLACK IS KING - Beyoncé celebra aniversário e doa R\$ 5,3 milhões a negros nos Estados Unidos. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/09/beyonce-celebra->

aniversario-e-doa-r-5-3-milhoes-a-negros-nos-estados.html. Acesso em: 28.mar.2021.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em 19 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. 2012a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20ingresso%20na%20s,Art.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20ingresso%20na%20s,Art.) Acesso em: 26 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**: norma técnica. 3. ed. atual. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2012b.

BRITO, R. S.; ESTEVES, L. C.; VENTURA, J. C. S. Mulheres negras não foram feitas para carregar livros: tensionamento e resposta social em rede na feira pan-amazônica do livro no Pará. **Logeion: filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 106-125, 2019. DOI: 10.21728/logcion. 2019v6n1.p106-125 Acesso em: 21 mar. 2021.

BRITTO, C. C.; LIMA, K. J. M. Sacrifício ritual nas religiões afro-brasileiras: reflexões sobre patrimonialização, memória e anarquivamento. **Informação & Informação**, v. 24, n. 3, p. 433-451, 2019. DOI: 10.5433/1981-8920.2019v24n3p433 Acesso em: 21 mar. 2021.

BRÜGGER, S. M. J. Clara nunes: o canto como missão. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 4, n. 3, 2010. DOI: 10.3395/reciis.v4i3.668 Acesso em: 28 mar. 2021.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [s.l.], v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 199-214, dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/33285/23782>. Acesso em: 10 maio 2018.

CARDOSO, F.; PINTO, M. S. Apontamentos contemporâneos sobre questão racial e atuação bibliotecária. In: SILVA, F. C. G.; LIMA, G. S. (org.). **Bibliotecári@s negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. Florianópolis: ACB, 2018. p. 39-88. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_a60158077d374faa83975f7fd6328b30.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_a60158077d374faa83975f7fd6328b30.pdf). Acesso em: 01 set 2020.

CARMO, N. L.; SILVA, J. Grupos de pesquisa sobre relações raciais no diretório do cnpq. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 60-70, 2019.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136570>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Portal Geledés**, [São Paulo], 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. Acesso em: 21 mar. 2020.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.117-133, dez. 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008). Acesso em: 15 set 2020.

CARVALHO, D.; MEIRINHO, D. O quesito cor/raça: desafios dos indicadores raciais de mortalidade materna como subsídio ao planejamento de políticas públicas em saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 3, 2020. DOI: 10.29397/reciis.v14i3.1905 Acesso em: 28 mar. 2021.

CAVALCANTE, T. L. Isabel Jacintha da Silva: um relato dos primeiros prisioneiros no Brasil. **Museu de Imagens**, 2017. Disponível em: <https://www.museudeimagens.com.br/isabel-jacintha-galeria-dos-condenados/>. Acesso em: 28.mar.2021.

CIÊNCIAS E LETRAS: estudos africanos. [s.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (26 min e 55 seg). Publicado pelo Canal Saúde Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E57eUvYMDIU>. Acesso em: 10 ago. 2020.

COAN, S.; SILVA, R. A. Museu dos quilombos e favelas urbanos, igreja das santas pretas e guarda de congo da vila estrela: o encontro pela sá rainha dona marta. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/121801>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

COLLINS, P. H. O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 51, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700510018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510018.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

CORRÊA, E. C. D.; OLIVEIRA, A. C. D. C. Pelas mãos femininas de Lydia Sambaquy e Celia Zaher: as origens da CI brasileira. In: SILVA, F. C. G.; ROMEIRO, N. L. (org.). **O protagonismo da mulher na biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis: ABC, 2018. p. 17-44. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/331304813\\_Politica\\_de\\_Memoria\\_e\\_o\\_Silenciamento\\_das\\_populacoes\\_africanas\\_e\\_afro-brasileiras\\_na\\_Ciencia\\_da\\_Informacao](https://www.researchgate.net/publication/331304813_Politica_de_Memoria_e_o_Silenciamento_das_populacoes_africanas_e_afro-brasileiras_na_Ciencia_da_Informacao). Acesso em: 10 set 2020.

COSTA, F. C. S. Análise da disseminação de informações étnico-raciais no portal geledés. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 99-108, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136580>>. Acesso em: 21

mar. 2021.

COSTA, K. R. R. When plurality reveals invisibility. In: BORGES, R. C. S.; BORGES, R. (orgs.). **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ : DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012.

CRIPPA, G. O pensamento da diferença e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2011.

D'ONOFRIO, S. Ruth Guimarães: uma romancista negra na imprensa brasileira dos anos 1940. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 33 No 1, n. 1, p. 189-203, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/129438>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

DELFINA Lázaro Gomes. [2021?]. Disponível em: [https://scholar.googleusercontent.com/citations?view\\_op=view\\_photo&user=\\_wdKUS4AAAAAJ&citpid=1](https://scholar.googleusercontent.com/citations?view_op=view_photo&user=_wdKUS4AAAAAJ&citpid=1). Acesso em: 28.mar.2021.

DÍAZ, A. P.; FUENTES, M. L. N. M. Las africanas de la fragata dos hermanos en cuba: madres, después de esclavas (1817-1837). **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 33 No 2, n. 2, p. 43-68, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/139484>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

DOLORES DURAN. **Música Brasilis**. [201?]. Disponível em: <https://musicabrasilis.org.br/compositores/dolores-duran>. Acesso em: 28.mar.2021.

ELLIOTT, A. G.; AQUINO, M. A. Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da biblioteca da universidade federal do ceará – campus cariri | information, image and memory: a discourse analysis in the black press newspapers' of the library at ufc. **Liinc em revista**, v. 7, n. 1, 2011. DOI: 10.18617/liinc.v7i1.417 Acesso em: 21 mar. 2021.

ESCÓSSIA, F. A filha de ex-escrava que virou deputada e inspira o movimento negro no Brasil. **Portal Geledés**, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-filha-de-ex-escrava-que-virou-deputada-e-inspira-o-movimento-negro-no-brasil/>. Acesso em: 28.mar.2021.

ESPÍRITO SANTO, P. Os estudos de gênero na ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/6389/4877>. Acesso em: 01 set. 2020.

FELIPE, A. M. Feminismo negro: mulheres negras e poder - um enfoque contra-hegemônico sobre gênero. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, 22(2), 15-28, 2009. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/5>. Acesso em: 21 mar. 2021.

FERNANDES, V. Canta meu sabiá, voa meu sabiá. **Colabora**, [s.l.], 03 de fev de 2019. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods9/cinco-vezes-clara-nunes/>. Acesso em: 28.mar.2021.

FERREIRA, C. A. A.; OLIVEIRA, I. L.; NUNES, S. C.; CASTRO, G. A. Q. Diversidade e gestão: análise na perspectiva de gênero e raça no Brasil. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 10, n. 1, p. 54-66, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/148630>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

FERREIRA, M. M.; VEIGA, M. A. P.; TEIXEIRA, R. P.; EVANGELISTA, R. L. As relações de classe e de gênero no mercado de trabalho do profissional bibliotecário no estado do Maranhão. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2146>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, M. O. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

FREDERICK, D. E. Disruption or revolution? The reinvention of cataloguing (data deluge column). **Library Hi Tech News**, [Estados Unidos], v. 34, n. 7, p. 6-11, set. 2017. DOI: [doi.org/10.1108/LHTN-07-2017-0051](https://doi.org/10.1108/LHTN-07-2017-0051). Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/LHTN-07-2017-0051/full/html>. Acesso em: 08 ago 2020.

FURGERI, S. **Representação de informação e conhecimento**: estudos das diferentes abordagens entre a ciência da informação e a ciência da computação. 2006. 161 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2006. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_arquivos/2/TDE-2007-03-13T081320Z-1281/Publico/Sergio%20Furgeri.pdf](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/2/TDE-2007-03-13T081320Z-1281/Publico/Sergio%20Furgeri.pdf). Acesso em: 20 abr 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, E. Discursos insubmissos na diáspora negra. In: SILVA, F. C. G.; LIMA, G. S. (org.). **Bibliotecári@s negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. Florianópolis: ACB, 2018. p. 17-38.

GOMES, E. Um corpo que fala. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 81-87, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136572>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

GOMES, L. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi de Palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. (Uma história da escravidão no Brasil; 1).

GOMES, N. L. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 133-154, abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2011v10n18p133>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/19037>. Acesso em: 20 set. 2020.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>. Acesso em: 11 ago 2020.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 10. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IBGE Educa. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. [2018?]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>. Acesso em: 14 jul 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. p. 13. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=20978](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978). Acesso em: 15 nov. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estudos recentes do IPEA sobre Participação**. [2008?]. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/participacao/estudos-do-ipea/index.php?option=com\\_content&view=article&id=272:conselho-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial&catid=136:conselho-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial&Itemid=255](https://www.ipea.gov.br/participacao/estudos-do-ipea/index.php?option=com_content&view=article&id=272:conselho-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial&catid=136:conselho-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial&Itemid=255). Acesso em: 19 jul. 2021.

INVENTÁRIO: Vó Mera. **Paraíba Criativa**, Paraíba, 22 de dez de 2016. Disponível em: <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/vo-mera/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LEAL, N. A. P. M. Dando voz à memória: um projeto de história oral na iscmpa. **Ágora**, n. 7, p. 185-197, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/12457>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LIMA, G. S. Resistência é o seu nome: representatividade é para nós, alunas (os) negras (os) da biblioteconomia e ciência da informação. In: BARROSO, D.; GOMES, E.; VALÉRIO, E. D.; SILVA, F. C.; LIMA, G. S. (org.). **Epistemologias negras: relações raciais na biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora Ltda., 2019. p. 35-72. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf). Acesso em: 24 nov 2019.

LIMA, P. H. F. Ressonâncias da fossa à bossa nova de dolores duran e antônio carlos jobim. **Memória e Informação**, v. 4, n. 1, p. 58-77, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/146191>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LIMA, V. Cultos afro-brasileiros na paraíba: memória em construção. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 10, n. 2, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/31237>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LUSTOSA, B. R.; AMADEU, I. S.; SILVA, L. K. R. Homecoming. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 24-34, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136574>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MACHADO, B. A. Autonomia e solidariedade no movimento de mulheres negras no Brasil na década de 1980. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 33 No 2, n. 2, p. 117-139, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/139491>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MALTA, R. B.; OLIVEIRA, L. T. B. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Revista Gênero**, Niterói, v. 16, n. 2, p. 55-69, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v16i2.31234>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31234/18323>. Acesso em: 16 nov. 2019.

MARQUES, W. R.; ROCHA, L. F. B. V. Um estudo das cores no baião de princesas da casa fanti-ashanti em São Luís do Maranhão. **Revista Bibliomar**, v. 18, n. 2, p. 78-95, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/127624>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MAURO, R.; TRINDADE, E. Telenovela e discurso como mudança social na análise da personagem Maria da Penha Mey em cheias de charme. **Em Questão**, v. 18, n. 2, p. 169-182, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/11425>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MELO, D. A. **Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação**: Um estudo na Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba. 2019. 118 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16348>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MELO, D. A.; ALVES, E. C.; BRASILEIRO, F. S. Práticas informacionais das mulheres negras. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 5-23, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136573>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MELO, M. A. F.; BRÄSCHER, Marisa. Requisitos funcionais para dados de autoridade assunto (FRSAD): entidades, atributos e relacionamentos. **Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 102-119, maio/ago. 2014.

MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. **Negro**. 2021a. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=negro>. Acesso em: 14 jul. 2021.

MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. **Preto**. 2021b. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=preto>. Acesso em: 14 jul. 2021.

MIRANDA, J. **Se o livro não diz, que cor você dá aos personagens?** 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas/se-o-livro-nao-diz-que-cor-voce-da-aos-personagens/>. Acesso em: 23 abr. 2021.

MORAES, M. G. Tensão identitária e organização do conhecimento: olhar epistemográfico. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais**. Paraná, s.n. 2018. Disponível em:

<<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103005>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. **O MNU**. 2020. Disponível em: <https://mnu.org.br/mnu>. Acesso em: 20 jul 2020.

MÜLLER, G.; GOMES, S. H. A.; ESTRELA, H.; SILVA, J. H. C. Qual a cor da biblio?. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 88-98, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136567>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

MURARO, C. Machado de Assis: pesquisador diz ter encontrado possível última foto do escritor em vida. **G1 Globo**, [São Paulo], 29 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/machado-de-assis-pesquisador-diz-ter-encontrado-possivel-ultima-foto-do-escritor-em-vida-veja-a-imagem.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2019.

NATALINO, M. A.; ANDRADE, C. C.; DUARTE, B. C.; CASTRO, P. Constituição e política de direitos humanos: antecedentes, trajetórias e desafios. **Boletim de Políticas Sociais: Acompanhamento e Análise**, Brasília, n. 17, 2009. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4326/1/bps\\_n.17\\_vol03\\_diretos\\_humanos.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4326/1/bps_n.17_vol03_diretos_humanos.pdf). Acesso em: 19 jul 2021.

GOMES, NILMA LINO. O movimento negro brasileiro indaga e desafia as políticas educacionais. *Revista ABPN*, v. 11, p. 141-162, 2019. GOMES, NILMA LINO. O movimento negro brasileiro indaga e desafia as políticas educacionais. *Revista ABPN*, v. 11, p. 141-162, 2019. Disponível em: [https://redib.org/Record/oai\\_articulo2209992-o-movimento-negro-brasileiro-indaga-e-desafia-pol%C3%ADticas-educacionais](https://redib.org/Record/oai_articulo2209992-o-movimento-negro-brasileiro-indaga-e-desafia-pol%C3%ADticas-educacionais). Acesso em: 19 jul 2021.

NYOTA. **Sobre**. [2018?]. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/sobre>. Acesso em: 19 jul. 2021.

OLIVEIRA, A. L. T. **Cultura de matriz Afro-brasileira**: um estudo à luz da história de vida de Vó Mera mestra da cultura popular de João Pessoa-Paraíba. 2019. 186 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15140>. Acesso em: 21 mar. 2021.

OLIVEIRA, A. L. T.; LIMA, I. F. Manifestações culturais e história de vida de uma paraibana e compositora de ciranda e coco de roda. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais**. Paraná, s.n. 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102788>. Acesso em: 21 mar. 2021.

OLIVEIRA, J. S.; OLIVEIRA, P. S.; CORTÊS, G. R.; SILVA, A. R. Mulheres e lugar de fala: caminhos percorridos. **Convergência em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 23-41, 2019. DOI: 10.33467/conci.v2i1.11344. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/117758>. Acesso em: 21 mar. 2021.

OLIVEIRA, R. J. R. de. Tecendo um olhar descolonizante: a Lei nº 10.639/2003 e suas possibilidades de pensar a diversidade. In: SANTOS, J. A.; CAMISOLÃO, R. C.; LOPES, V. N. (org.). **Tramando falas e olhares, compartilhando saberes**: contribuição para uma educação anti-racista no cotidiano escolar. Porto Alegre:

Editora da UFRGS, 2008. p. 39-46.

ONU MULHERES BRASIL. **Garantir os direitos humanos das mulheres no Brasil e no mundo**. [2010?]. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>. Acesso em 19 jul 2021.

ONU MULHERES BRASIL. **Taís Araújo**: defensora dos direitos das mulheres negras. [2017?]. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/tais-araujo-engajamento/>. Acesso em: 28.mar.2021.

ORTOLAN, L. P. V.; SILVA, M. F.; ALVES, R. C. V.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. As temáticas sobre o negro na ciência da informação brasileira. **Biblionline**, v. 13, n. 3, p. 14-29, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4775.2017v13n3.35715 Acesso em: 22 mar. 2021.

PASA, C.; KARPINSKI, C. A “maria da ilha” entre documentos e memória: reflexões sobre os arquivos da deputada estadual Antonieta de Barros (1901-1952). **Ágora**, v. 29, n. 58, p. 1-14, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/109949>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

PEREIRA, C. C. M. **Mitos da cultura africana**: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua. 2011. 127 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3982>. Acesso em: 29 mar 2021.

PEREIRA, C. C. M. **Necessidades informacionais das mulheres da comunidade quilombola de Itamatatua – Maranhão**. 2018. 258 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29808>. Acesso em: 21 mar 2021.

PEREIRA, C. C. M.; SANTOS, J. O.; BARREIRA, M. I. J. S. Empoderamento das mulheres quilombolas: contribuições das práticas mediacionais desenvolvidas na ciência da informação. **Em Questão**, v. 22, n. 2, p. 114-139, 2016. DOI: 10.19132/1808-5245222.114-139 Acesso em: 21 mar. 2021.

PEREIRA, G. R.; FERREIRA, G. de Paula Ensaio: racismo estrutural no mercado de trabalho. **Tree Hub**, [São Carlos], 2020. Disponível em: <https://medium.com/tree-hub/ensaio-racismo-estrutural-no-mercado-de-trabalho-4591b0061d77>. Acesso em: 16 jun 2020.

PINTEREST. **Tratamento facial ícones em vetor livre criado por Smashicons**. 2021. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/662592163917625933/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

PITANGUY, J. Movimento de mulheres e políticas de gênero no Brasil. *In*: MONTAÑO, S.; PITANGUY, J.; LOBO, T. **As políticas públicas de gênero**: um modelo para armar: o caso do Brasil. Santiago de Chile: CEPAL, 2002. p. 23-40. Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/5907/1/S035331\\_pt.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/5907/1/S035331_pt.pdf). Acesso em: 21 set. 2020.

RASCHE, F. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica de mulheres estudantes de biblioteconomia em Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 3, n. 3, 1998. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/330/391>. Acesso em: 01 set. 2020.

REIS, V. J. S. **A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento**: uma abordagem de representatividade social. 2019. 196 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30429>. Acesso em: 21 mar. 2021.

REIS, V. J. S.; SANTOS, J. C. S. D. O feminismo negro no contexto da representação do conhecimento: abordagens da representatividade social. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123312>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Lei Ordinária nº 3.708, de 9 de novembro de 2001**. Institui cota de até 40% (quarenta por cento) para as populações negra e parda no acesso à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e à Universidade Estadual do Norte Fluminense, e dá outras providências. 2001. Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25571cac4a61011032564fe0052c89c/827dde52958a6dd203256b030063db70?OpenDocument&ExpandView&ExpandSection=-5>. Acesso em: 13 set. 2020.

RODRIGUES, N. L. F. A ciência da informação na afirmação de singularidades: narrativas da diáspora e construção de identidade nos museus afro. *In*: BARROSO, D.; GOMES, E.; VALÉRIO, E. D.; SILVA, F. C.; LIMA, G. S. (org.). **Epistemologias negras**: relações raciais na biblioteconomia. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora Ltda., 2019. p. 11-35. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf). Acesso em: 11 nov 2019.

SÁ Rainha Dona Marta: Guarda do Congo da Vila Estrela: Morro do Papagaio. 21 fev. 2020. Facebook jorgequintao.com. Disponível em: <https://mobile.facebook.com/238234279656990/photos/a.1174142919399450/1566011100212628/?type=3&source=57>. Acesso em: 28.mar.2021.

SACRAMENTO, M. Preto ou negro?: o vídeo viral que levantou um debate semântico. **Portal Geledés**, [São Paulo], 2016. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/preto-ou-negro-o-video-viral-que-levantou-um-debate-semantico-por-sacramento/?gclid=EAlalQobChMI4Mze-\\_GD6wIVFwmRCh0a9w2GEAAYASAAEglWgPD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/preto-ou-negro-o-video-viral-que-levantou-um-debate-semantico-por-sacramento/?gclid=EAlalQobChMI4Mze-_GD6wIVFwmRCh0a9w2GEAAYASAAEglWgPD_BwE). Acesso em: 26 ago. 2020.

SALES, R. A representação documental como um encontro de representações. *In*: ZAFALON, Z. R.; DAL'EVEDOVE, P. R. (org.). **Perspectivas da representação documental**: discussão e experiências. São Carlos: CPOI, 2017. p. 71-85.

SANTANA, B.; ALMEIDA, M. A. Mulheres negras e o comum: memória, redes sociais e táticas cotidianas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 57-61, set. 2017. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/755/606>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SANTANA, S. R. **Informação étnico-racial no âmbito dos programas de pós-graduação em psicologia**. 2016. 128 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9701>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SANTANA, V. A.; AQUINO, M. A. A responsabilidade social e ética e a inclusão de afrodescendentes em discursos de profissionais da informação em universidade pública. **Biblionline**, v. 5, n. 1/2, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16695>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SANTOS, A. D.; COSTA, A.; BARROS, C. M.; VITAL, L. P. Representação terminológica da população negra em tesouros. **Informação & Informação**, v. 25, n. 1, p. 254-275, 2020. DOI: 10.5433/1981-8920.2020v25n1p254. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/35453>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SANTOS, B. S. **Artigos em revistas científicas**. [2017?]. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/artigos-em-revistas-cientificas.php>. Acesso em: 13 dez. 2019.

SANTOS, C. M. D.; AZEVEDO, N. P. S. G. Análise discursiva da posição sujeito das mulheres negras militantes reverberada pelo discurso de sojourner truth. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, v. 5, n. 2, p. 11-35, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/147873>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SANTOS, T. H. N. **Fontes Iconográficas e memória afrocêntrica**: análise da informação étnico-racial a partir do ensaio fotográfico Engenhos e Senzalas. 2013. 181 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3941>. Acesso em: 29 mar 2021.

SARDENBERG, C. M. B. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão Social**, v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/80459>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SENA, P. M. B. Entrevista com a bibliotecária e professora moçambicana delfina lázaro mateus. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 24, n. 2, p. 491-497, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/120805>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SILVA JÚNIOR, J. F. **A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk**. 2014. 107 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3969>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SILVA JÚNIOR, J. F. **Identidade negra e mediações da informação (étnico-racial) em blogs de funk**. 2019. 241 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1030>. Acesso em: 29 mar 2021.

SILVA, A. C. E. Bibliotecária educadora: o ensino da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula. *In*: BARROSO, D.; GOMES, E.; VALÉRIO, E. D.; SILVA, F. C.; LIMA, G. S. (org.). **Epistemologias negras: relações raciais na biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora Ltda., 2019. p. 105-138. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf). Acesso em: 20 out 2019.

SILVA, F. C. G.; ALVES, A. P. M.; LIMA, G. D. S.; GARCEZ, D. C.; SILVA, A. S.; FEVRIER, P. R. A saúde da mulher negra em foco: análise da produção científica na bdt. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/122519>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SILVA, F. C. G.; GARCEZ, D. C.; LIMA, G. S. Política de memória e o silenciamento das populações africanas e afro-brasileiras na ciência da informação. *In*: SILVA, F. C. G.; ROMEIRO, N. L. (org.). **O protagonismo da mulher na biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis: ABC, 2018. p. 359-382. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/331304813\\_Politica\\_de\\_Memoria\\_e\\_o\\_Silenciamento\\_das\\_populacoes\\_africanas\\_e\\_afro-brasileiras\\_na\\_Ciencia\\_da\\_Informacao](https://www.researchgate.net/publication/331304813_Politica_de_Memoria_e_o_Silenciamento_das_populacoes_africanas_e_afro-brasileiras_na_Ciencia_da_Informacao). Acesso em: 07 set 2020.

SILVA, F. C. G.; SALDANHA, G. S.; PIZARRO, D. C. A branquitude nas práticas docentes em biblioteconomia e ciência da informação: notas teórico-críticas sobre um ensino que promove o preconceito racial. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102318>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SILVA, G. D. S.; MOTA, C. S.; BOMFIM, L. A. Racismo, eugenia e doença falciforme: o caso de um programa de triagem populacional. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 2, 2020. DOI: 10.29397/reciis. v14i2.1881 Acesso em: 28 mar. 2021.

SILVA, J. L. O. E. "as escravas da mãe de deus" ou uma etno-história através de imagens e sons". **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 5, n. 4, 2011. DOI: 10.3395/reciis. v5i4.775 Acesso em: 21 mar. 2021.

SILVA, L. K. R. **Bamidelê: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba**. 2014. 122 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3973>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SILVA, L. K. R.; AQUINO, M. A. Bamidelê: por uma étnico-racial na organização das mulheres negras da paraíba. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 8, n. 1, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/24436>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SILVA, L. R. L.; BOTELHO-FRANCISCO, R. E. Da representação ao monitoramento: a criação de uma ontologia do discurso de ódio online brasileiro. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 7, n. 2, p. 28-33, 2018. DOI:

10.5380/atoz. v7i2.67243 Acesso em: 28 mar. 2021.

SILVA, M. F. Representação da informação do povo negro: reflexões críticas da umbanda no âmbito dos sistemas de organização do conhecimento. *In*: BARROSO, D.; GOMES, E.; VALÉRIO, E. D.; SILVA, F. C.; LIMA, G. S. (org.). **Epistemologias negras: relações raciais na biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora Ltda., 2019. p. 197-221. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf). Acesso em: 03 nov 2020.

SILVA, T. P. **Construções identitárias & TICs**: o caso do blog "Blogueiras Negras". 2019. 193 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.27.2019.tde-27122019-170340>. Acesso 28 mar. 2021.

SILVA, T. P. Tics: resistência das mulheres negras. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 67-71, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1433>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SILVEIRA, L. S. Novos olhares e novas possibilidades de pensar a diferença: a lei 10.639/2003 sob a perspectiva da biblioteconomia. *In*: BARROSO, D.; GOMES, E.; VALÉRIO, E. D.; SILVA, F. C. G.; LIMA, G. S. **Epistemologias negras: relações raciais na biblioteconomia**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora Ltda., 2019. p. 73-104. Disponível em: [https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a\\_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf](https://3b2d7e5d-8b9a-4847-aa3e-40931d588fb7.filesusr.com/ugd/c3c80a_07c2b6ea338140db8a859ecdc8219171.pdf). Acesso em: 04 mai 2020.

SOARES, C. E. L.; GOMES, F. D. S. "dizem as quitandeiras...": ocupações urbanas e identidades étnicas em uma cidade escravista: rio de janeiro, século xix \*. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 15 No 2 jul-dez: O Arquivo Nacional e seus pesquisadores, n. 2, p. 3-16, 2002. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/107623>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SOUSA, M. A. **Informação étnico-racial**: uma proposta de glossário sob a égide da Semântica Discursiva. 2015. 115 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7835>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SOUZA, D.; BORGES, R. História e memória das resistências negras na bahia a partir do acervo nivalda costa. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 33 No 2, n. 2, p. 208-228, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/139477>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SOUZA, M. A. R.; AFONSO, L. H. R. O trabalho em bibliotecas: desafios para a construção de novas relações de gênero. **Observatório em Debate**, v. 1, 2014. Disponível em: <http://observatorio.ifg.edu.br/index.php/obsdebate/article/download/62/55>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SOUZA, M. B.; FERNÁNDEZ, V. L. A representação da mulher de periferia no cinema brasileiro. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, p. 195-213, 2011. DOI:

10.5216/c&i.v14i2.22453 Acesso em: 21 mar. 2021.

THIESEN, I. Informação identificatória, memória institucional e conhecimento - isabel jacintha da silva, de cativa à prisioneira na casa de correção da corte.

**DataGramZero**, v. 10, n. 3, 2009. Disponível em:

<<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6503>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Letras. Conceição Evaristo. **Literafro** – o portal de literatura brasileira, Minas Gerais, 2020a. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 28.mar.2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Letras. Nivalda Costa. **Literafro** – o portal de literatura brasileira, Minas Gerais, 2020b. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/teatro/1395-nivalda-costa-2>. Acesso em: 28.mar.2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Letras. Ruth Guimarães. **Literafro** – o portal de literatura brasileira, Minas Gerais, 2020c. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/434-ruth-guimaraes>. Acesso em: 28.mar.2021.

VALÉRIO, E. D. **Produção de conhecimento e circulação da informação na formulação de políticas públicas**: o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra (CDCN) do Estado da Bahia. 2019. 181 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1009>. Acesso em: 28 mar 2021.

VAZ, G. A. Histórias paralelas, histórias fragmentadas. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 71-80, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136566>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

VIANA, G. C. S.; CARRERA, F. A. S. A (in)visibilidade da mulher negra youtuber. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 4, 2019. DOI: 10.29397/reciis.v13i4.1884 Acesso em: 28 mar. 2021.

VIANA, I. S.; GOMES, F. D. S. Fazendo gênero na plantation: notas sobre casamentos de africanos, em cuba e no brasil, nos séculos xviii e xix. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, v. 33 No 1, n. 1, p. 20-39, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/129384>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

WOIDA, L. M. Coletivos ciberfeministas como fonte de informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-24, 2020. DOI: 10.5007/1518-2924.2020.e70464 Acesso em: 28 mar. 2021.

ZAFALON, Z. R. Recurso informacional e representação documental. *In*: ZAFALON, Z. R.; DAL'EVEDOVE, P. R. (org.). **Perspectivas da representação documental: discussão e experiências**. São Carlos: CPOI, 2017. p. 125-144.

ZAFALON, Z. R.; DAL'EVEDOVE, P. R. Representação documental: pesquisa e ensino. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2016.



**APÊNDICE**

## Apêndice A – Nome de mulheres encontrados nos documentos

Figura 5 – Domerina Nicolau da Silva – Vó Mera



Fonte: Inventário (2016).

Nascida em 1934. Artista, paraibana, compositora de ciranda e coco de roda. É uma das figuras mais importantes da cultura popular da Paraíba, sendo referência na divulgação da cultura regional e da preservação da memória e das manifestações culturais de matriz-africana.

Figura 6 – Antonieta de Barros



Fonte: Escóssia (2016).

Nascida em 1901, faleceu em 1952. Jornalista, professora e política brasileira. Primeira mulher negra a assumir um mandato popular, pioneira e inspiração para o movimento negro. Professora de Português e Literatura, fundou um curso voltado para alfabetização da população carente. candidatou-se pelo Partido Social Democrático, foi eleita em 1947. Lutou pela valorização do magistério, defendendo a concessão de bolsas para cursos superiores a alunos carentes.

Figura 7 - Sá Rainha Dona Marta



Fonte: Sá... (2020).

Conhecida como uma Rainha na Favela, Dona Marta é a representação feminina na favela, uma mulher preta e diarista que volta a atenção para invisibilidade de moradoras negras do Moro do Papagaio. Devota de Nossa Senhora do Rosário, em 2018, foi realizada em sua homenagem uma missa na Igreja das Santas Pretas.

Figura 8 – Tia Marcelina



Fonte: AfroCaeté (2017).

Tia Marcelina, africana detentora da coroa de Dadá, é conhecida como a fundadora do Candomblé em Maceió. A data atribuída a ela marca o dia 1º de fevereiro de 1912, quando foi espancada por um grupo de milicianos e teve seu terreiro destruído, desde então sua imagem resiste ao apagamento e é reconhecida como forma de preservar o que ficou conhecido como Quebra de Xangô.

Figura 9 – Nivalda Costa



Fonte: Universidade Federal de Minas Gerais (2020b).

Nascida em 1952. Líder religiosa, educadora, artista e mediadora cultural, intelectual negra com grande atuação na esfera pública na Bahia. Sua trajetória foi atrelada com a necessidade de (re)escrita da memória e história afrodescendentes, marcadas por lutas contra o racismo e a discriminação racial, vinculada aos movimentos de resistências das comunidades negras.

Figura 10 – Ruth Guimarães Botelho



Fonte: Universidade Federal de Minas Gerais (2020c).

Nascida em 1920, faleceu em 2014. Poetisa, cronista, romancista, contista e tradutora brasileira. Ruth Guimarães foi a primeira escritora preta brasileira a conseguir projeção nacional com a obra *Água Funda*, em 1946.

Figura 11 – Dolores Duran



Fonte: Dolores Duran ([201?]).

Nascida em 1930, faleceu em 1959. Dolores Duran destacou-se no cenário musical aos 10 anos de idade, a cantora ganhou o primeiro lugar em um programa de calouros. Seu primeiro disco foi gravado aos 22 anos e, três anos depois, começou a compor músicas em parceria com Tom Jobim. Deixando em seu legado músicas como *Castigo*, *Canção de Volta*, *Estrado do Sol*, *Por Causa de Você* e *Noite do Meu Bem*.

Figura 12 – Clara Nunes



Fonte: Fernandes (2019).

Nascida em 1942, faleceu em 1983. Uma das maiores e mais importantes estrelas da canção popular brasileira. Sua obra atravessa gerações e é carregada de simbologia por tratar de questões silenciadas na sociedade em um período controverso, quando ocorreu a anulação dos direitos civis. Suas canções criticavam o preconceito étnico-racial e a intolerância religiosa.

Figura 13 - Maria da Conceição de Brito Evaristo



Fonte: Universidade Federal de Minas Gerais (2020a).

Nasceu em 1946. Graduada em Letras pela UFRJ, Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, trabalhou como professora na rede pública. Estreou na Literatura em 1990, com a publicação dos seus poemas no *Cadernos Negros*. Foi participante ativa nos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país. Algumas de suas obras são *Ponciá Vicêncio*, *Olhos d'água*, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, *Beco de Memórias*, entre outras obras.

Figura 14 – Taís Bianca Gama de Araújo



Fonte: ONU Mulheres Brasil ([2017?]).

Nasceu em 1978. Conhecida com nome artístico de Taís Araújo, com formação em jornalismo, consagrou-se como atriz, ocupando papéis em telenovelas e no cinema. Uma das figuras femininas presentes na mídia na luta contra racismo e defensora dos direitos das mulheres negras da ONU Mulheres no Brasil.

Figura 15 – Beyoncé Giselle Knowles-Carter



Fonte: Black is King... (2020).

Nasceu em 1981. Cantora, compositora, atriz, modelo, dançarina, empresária, produtora e roteirista norte americana. Beyoncé tem destaque no cenário musical, é uma das maiores estrelas da música nas últimas décadas. Ao longo de sua carreira, a cantora foi pioneira no cenário da música acumulando recordes como: Primeira mulher negra a conquistar seis *Grammys Awards* em uma edição da premiação, primeira artista com todos os álbuns no top 1 de mais vendidos, maior vencedora do *BET (Black Entertainment Television) Awards*, evento voltado para as conquistas dos artistas negros.

Figura 16 – Angela Relim



Fonte: Pinterest (2021).

Mulher negra, enfermeira, responsável por atender principalmente escravizados, presos e pobres na Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Única enfermeira negra que atendia marinheiros, dando alimentos e curativos.

Figura 17 – Delfina Lazara Mateus



Fonte: Delfina... ([2021?]).

Delfina Lázaro Mateus, jovem moçambicana de 26 anos, é docente na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique, no Curso de Licenciatura em Biblioteconomia. Doutoranda, com Mestrado em Documentação, Arquivos e Bibliotecas na Univeridad Carlos III de Madrid, Espanha, e com especialização em Biblioteconomia pela Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. Atualmente exerce também a função de coordenadora do curso de Licenciatura em Biblioteconomia, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane onde é docente. Atua como coordenadora do projeto alfabetização digital de mulheres, em Moçambique.

Figura 18 – Isabel Jacintha da Silva



Fonte: Cavalcante (2017).

Mulher, escrava e negra, em 1846, foi feita prisioneira junto com seu irmão Manoel Cabral, acusados de envenenar seu senhor Jacintho José da Silva. A acusação foi em decorrência dos escravizados serem os mais próximos do senhor e, com a sua morte, estariam libertos da escravização.